



Número 237
Fevereiro 2023

ITOS DO NGELHO

Diretor: Manuel de Abreu / Periodicidade mensal / Distribuição gratuita

“Pedro, tu Me amas?”

Flashes
de Fátima



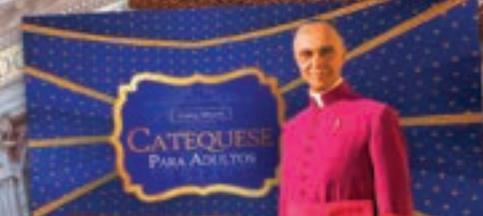


No mês em que a Igreja comemora a festa da **Cátedra de Pedro**, nada melhor do que **conhecer os tesouros da Fé Católica ensinados ao longo dos séculos pelos Papas**, a partir do trono ocupado por São Pedro. Eles são faróis que nos orientam nesta vida, a caminho do Céu.

Na **Plataforma Reconquista**, o espaço de formação on-line dos Arautos do Evangelho, você pode percorrer esse caminho de conhecimento amoroso, através de vários cursos que ensinam, de forma simples e didática, a doutrina infalível da Santa Igreja.

São diversas aulas sobre a prática da Fé no dia a dia, o significado e a importância dos Sacramentos e da vida de oração, a História da Igreja, a devoção a Nossa Senhora e muito mais. Lá você encontrará as **mais importantes lições emanadas da Cátedra de São Pedro**, apresentadas de forma atraente, adaptadas às novas gerações.

Faça parte desta iniciativa e venha se maravilhar com os tesouros pouco conhecidos da nossa Fé.



Acompanhe a programação completa dos Arautos através das redes sociais



Transmissão da Santa Missa
diariamente às 19h (horário de Brasília)

Flashes de Fátima

Boletim da Campanha
"O Meu Imaculado Coração Triunfará!"

Ano XXV nº 237 - Fevereiro 2023

Director:

Manuel Silvio de Abreu Almeida

Conselho de redacção:

Severiano Antonio de Oliveira;
Sílvia Gabriela Panez;
Marcos Aurelio Chacaliza C.

Proprietário e Editor:

Associação dos Custódios de Maria
NIPC: 501141812

Sede do Editor/Sede da Redacção:

Av. Júlio Dinis, 6 - 4º Dto
1050-131 Lisboa
N.º ERC. 120.975
Dep. Legal nº 112719/97

Periodicidade mensal

Tel: 212 338 950 / Fax: 212 338 959

E-mail: pedidos@custodiosdemaria.pt

Estatuto Editorial disponível em
<http://custodiosdemaria.pt/flashedefatima/estatuto.pdf>

Distribuição gratuita

Impressão e acabamento:

Escritório Digital, S. L.
Avenida Real de Pinto, 91
28021 Madrid - Espanha

Os artigos desta revista poderão ser reproduzidos, desde que se indique a fonte e se envie cópia à Redacção. O conteúdo das matérias assinadas é da responsabilidade dos respectivos autores.

Membro da



Associação de Imprensa de
Inspiração Cristã

Tiragem: 11.000 exemplares

SUMÁRIO

Escrevem os leitores 4



Santa mesmo no exílio,
imortal apesar do cisma

Pedro, quem és? (Editorial) 5



A voz dos Papas –
Múnus divino
em mãos humanas



As cartas de uma
virgem sábia e prudente



Comentário ao Evangelho –
"Deixai-vos reconciliar
com Deus!"



Viagem determinada
pela dor



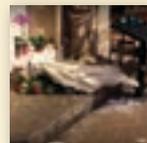
A propósito do falecimento
de Bento XVI – O primeiro
e o último Papa



Arautos no mundo



Trajetória fulgurante de
um Papa histórico



Aconteceu na Igreja e
no mundo



Sobre a pedra que é Pedro



História para crianças... –
A ovelha, o porco e
a lama



Amor sempre crescente
pela Igreja



Os Santos de
cada dia



Santa Valburga – Alma
sempre fiel à vontade
divina



Vox prophetica



Revista Arautos do Evangelho online

Tenha acesso ao conteúdo
da revista diretamente
de seu celular.

Acesse: revistacatolica.pt



ESCREVEM OS LEITORES

UMA ORAÇÃO QUE SINTETIZA O QUE DEVEMOS ALMEJAR

Belíssima a oração de Dr. Plínio Corrêa de Oliveira, transcrita na edição de dezembro; ela sintetiza tudo quanto devemos almejar para podermos chegar preparados à presença do Senhor.

Lennet Pavon

Via revistacatolica.org

O REINO DE DEUS É DOS QUE SÃO COMO AS CRIANÇAS?

Quando Jesus disse que o Reino de Deus é dos que são como as crianças – como está no *Editorial* da edição número 234 da Revista –, estava-Se a referir à humildade das crianças da época.

Hoje em dia, o ego e o orgulho são qualidades que se observam cada vez mais em crianças, principalmente crianças em idade escolar, nas quais a competitividade e as rivalidades ganham mais força que a amizade e a cooperação, como preparação para o mundo do trabalho, onde a competição é vista como essencial para a produtividade e as pessoas deixam de ser o mais importante, pois o mais importante é produzir e ganhar muito dinheiro.

Atualmente, as crianças aprendem cada vez mais rápido os valores distorcidos da humanidade. No entanto, as pessoas continuam a ter escolha. Podem escolher servir o dinheiro, o sucesso e as riquezas – tal como é encarado atualmente – ou podem servir o seu próximo e, portanto, a Deus.

Sol Line

Via revista.arautos.org

GUERRA DE CANUDOS: A VERDADE VEM À TONA

Tenho em mãos a revista *Arautos do Evangelho* número 251, onde leio, na página 34, o artigo de Edu-

ardo José Ribeiro Matos intitulado *Das calúnias à destruição*. Na realidade, há calúnias históricas contra Canudos e seu povo. Mas a verdade sempre vem à tona.

Emanuel Lima

Taguatinga – Brasil

TESTEMUNHO QUE SIRVA DE EXEMPLO PARA A SALVAÇÃO

Fenomenal o *Comentário ao Evangelho*, da Revista de janeiro!

Que Maria Santíssima nos envolva em seu manto e converta sinceramente nossos corações, para que um dia possamos ver a verdadeira Luz. E que o nosso testemunho sirva de exemplo para a conversão e a salvação de muitos.

Verônica Dias Gonçalves

Via revista.arautos.org

O ESPÍRITO SANTO PRESENTE NOS ACONTECIMENTOS

Obrigada pelo conteúdo do artigo *Presença régia e vitoriosa do Divino Infante*, da Revista número 252.

Ainda não pude ler tudo, mas, pelo que li, parece-me que o Espírito Santo estava e está presente em todos os acontecimentos. Aos olhos dos homens, algo incompreensível e duro. Mas Deus sempre pode fazer surgir água de uma pedra, por meio de sua Esposa, a Santíssima Virgem Maria!

Ester Noeli Olmos

Via revistacatolica.org

UMA ALMA SANTA

Que maravilha as obras de Deus! Como é bela a história da Beata Maria Vitória de Fornari Strata, intitulada *Tudo passa e tudo é nada, exceto Deus!* É uma alma santa, realmente.

Maria Mendes

Via revistacatolica.org

"CESSAR FOGO!"

Cessar fogo! Excelente artigo que, com clareza e precisão, leva o leitor a visualizar, conhecer e meditar acerca de uma sociedade e de alguns acontecimentos, “produtos da Revolução”, que em determinado momento da História levaram a Europa à guerra e à desolação.

Mas, como ensinou Dr. Plínio Corrêa de Oliveira, para vencer a Revolução se impõe a Contrarrevolução, a cristã, a “chama da verdade”. Se se apostar e se lutar por ela dia a dia, no final se poderá dizer: *Cessar fogo!* E todos juntos poderão cantar *Adeste Fideles*.

Laura Vitón

Via revistacatolica.org

"UMA BOA MÃE... E UMA MAÇÃ!"

Uma bela história para crianças, pela qual elas podem aprender como adorar Jesus e venerar Maria e José. Foi uma boa combinação da Palavra de Deus com outra história.

Natalina Vaz

Via catholicmagazine.news

Fiquei muito emocionado e alegre com esta linda história da Sagrada Família e de Lucas e sua família.

Martinho Lino da Silva

Via revista.arautos.org

Que belo relato, em que sobressaem a fé, a caridade e o amor de intercessão. Obrigada, meu doce e amado Jesus, por nos terdes deixado Maria como nossa Mãe, que é nossa intercessora e medianeira para, por Ela, chegarmos a Vós.

María Elena Lechuga Siordía

Via revistacatolica.org

PEDRO, QUEM ÉS?

Certa vez, em Cesareia de Filipe, Jesus interpelou os discípulos: “No dizer do povo, quem é o Filho do Homem?” (Mt 16, 13). Alguns despistados opinavam que Ele era João Batista; outros, Elias, Jeremias ou algum dos profetas. Simão Pedro, porém, sem hesitações e em nome de todos, definiu: “Tu és o Cristo, o filho do Deus vivo” (Mt 16, 16). Tal convicção não vinha da carne nem do sangue, mas sim do “Pai que está nos Céus” (Mt 16, 17).

É elucidativo que logo após a decidida resposta de Simão, Jesus tenha delineado a missão petrina – “Tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei minha Igreja” (Mt 16, 18) –, como que lhe revelando que, sem o auxílio do Alto, ela ficaria truncada.

Pedro foi pescador da Galileia, Príncipe dos Apóstolos, triste émulo de Judas na Paixão, arauto da Ressurreição, inigualável pregador após Pentecostes e perfeito seguidor do Crucificado no martírio... Entretanto, nada disso o define. Pedro é antes de tudo Papa, a “rocha” sobre a qual a Igreja está erigida.

De modo análogo, muitos tentaram emoldurar a personalidade de Bento XVI. Sob a sombra das calúnias, a mídia com frequência o pintou com traços intransigentes e rígidos; contudo, seu olhar sereno e sorriso singelo logo desvelavam sua autêntica face. Ele era, na realidade, um notável harmonizador.

A lista de seus títulos seria incomensurável. Para alguns ele foi o “Tomás de Aquino dos tempos modernos”; para outros, o “Mozart da Teologia”; para outros ainda, o “Papa de Fátima”. Em suma, trata-se de uma das figuras mais salientes da Igreja nesse grande quadro dos últimos tempos.

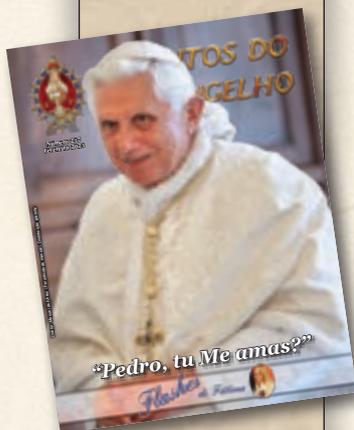
Comenta-se que nos dias de João Paulo II os fiéis eram atraídos para *ver* o Papa. No pontificado de Bento XVI, eles acorriam para *ouvir* o Papa. Com efeito, os Arautos do Evangelho puderam escutar diversas vezes a voz deste pastor-teólogo, sobretudo na aprovação pontifícia definitiva da associação, bem como das sociedades de vida apostólica dela nascidas.

O Pontífice alemão comentou que no Brasil se decide uma parcela fundamental do futuro da Igreja e afirmou, no livro-entrevista *Luz do mundo*, que os Arautos seriam parte de um “grande renascimento católico”. Mons. João Scognamiglio Clá Dias, por sua vez, confidenciou a Sua Santidade, em carta de 26 de novembro de 2018, que sentia estarem as suas missões e vocações intimamente unidas.

Recordados esses fatos, o Pontífice recém-falecido poderia até ser chamado de “arauto dos Arautos”... Todavia, como no caso de Pedro, Bento é antes de tudo Papa e, como tal, recebeu o mesmo encargo de amar a Cristo incondicionalmente e apascentar as ovelhas a ele confiadas (cf. Jo 21, 15-17). Desse encargo tudo decorre, inclusive no que tange à missão específica de cada Sucessor de Pedro.

Então, quem foi Bento XVI e qual teria sido sua missão?

Impossível saber com exatidão, mesmo porque antes há de se perguntar se ele já cumpriu sua missão. Sobre quem ele foi, buscar-se-á oferecer algumas pistas nas próximas páginas. Quanto à sua missão, pode-se responder, como Pedro inspirado pelo Alto, que Bento XVI certamente não a realizou em sua totalidade. Isso porque as almas de escol continuam a cumprir suas missões na eternidade e em seu legado deixado na terra. Como isso se dará? Só o tempo o dirá... ✧



Bento XVI durante um encontro no Vaticano, em 30/5/2009

Foto: Stefano Siaziani (Agefotostock.com)



Múnus divino em mãos humanas

No ministério de Pedro se revela, por um lado, a debilidade do que é próprio do homem, mas ao mesmo tempo também a força de Deus: precisamente na debilidade dos homens o Senhor manifesta a sua força.

“**T**u és Pedro, e sobre esta pedra edificarei a minha Igreja” (Mt 16, 18).
O que diz exatamente

o Senhor a Pedro com estas palavras? Que promessa lhe faz com elas e que encargo lhe confia? E o que diz a nós, ao Bispo de Roma, que está na Cátedra de Pedro, e à Igreja de hoje?

Se quisermos compreender o significado das palavras de Jesus, é útil recordar-se de que os Evangelhos nos narram três situações diversas nas quais o Senhor, sempre de um modo particular, transmite a Pedro a tarefa que lhe competirá. [...]

Cruz e glória: realidades inseparáveis

[No Evangelho de São Mateus] a promessa é feita perto das fontes do Jordão, na fronteira da terra judaica, no confim com o mundo pagão. O momento da promessa marca uma viragem decisiva no caminho de Jesus: agora o Senhor encaminha-se para Jerusalém e, pela primeira vez, diz aos discípulos que este caminho para a Cidade Santa é o caminho da cruz: “A partir desse momento, Jesus Cristo começou a fazer ver aos seus discípulos que tinha de ir a Jerusalém e sofrer muito, da parte dos anciãos, dos sumos sacerdo-

tes e dos doutores da Lei, ser morto e, ao terceiro dia, ressuscitar” (Mt 16, 21).

Cristo permanece na sua barca, a barca da Igreja; também hoje Ele ordena às águas e mostra-Se o Senhor dos elementos

Os dois aspectos caminham juntos e determinam o lugar interior da primazia, mais ainda, da Igreja em geral: continuamente o Senhor está a caminho da cruz, da humilhação do Servo de Deus sofredor e morto, mas ao mesmo tempo está também sempre a caminho da vastidão do mundo, na qual Ele nos precede como Ressuscitado, para que resplandeça no mundo a luz da sua Palavra e a presença do seu amor; está a caminho para que através d’Ele, de Cristo crucificado e ressuscitado, o próprio Deus chegue ao mundo. Neste sentido, Pedro, na sua primeira carta,

qualifica-se como “testemunha dos sofrimentos de Cristo e participe da glória que deve manifestar-se” (5, 1).

Cristo é vitorioso na Igreja sofredora

Para a Igreja, a Sexta-Feira Santa e a Páscoa existem sempre juntas; ela é sempre tanto o grão de mostarda como a árvore entre cujos ramos os pássaros do céu fazem o ninho. A Igreja, e nela Cristo, sofre hoje também. Nela, Cristo é sempre escarnecido de novo e atingido; sempre de novo se procura pô-Lo fora do mundo. Sempre de novo a pequena barca da Igreja é abalada pelo vento das ideologias, que com as suas águas penetram nela e parecem condená-la a afundar.

E, contudo, precisamente na Igreja sofredora Cristo é vitorioso. Apesar de tudo, a fé n’Ele retoma força sempre de novo. Também hoje o Senhor ordena às águas e demonstra-se o Senhor dos elementos. Ele permanece na sua barca, na barca da Igreja. Assim também no ministério de Pedro revela-se, por um lado, a debilidade do que é próprio do homem, mas ao mesmo tempo também a força de Deus: precisamente na debilidade dos homens o Senhor manifesta a sua força; demonstra que é Ele mesmo quem constrói, através de homens débeis, a sua Igreja.



Entrega das chaves a Pedro - Igreja de São Pedro e São Paulo, Scherwiller (França)

A oração de Jesus é a proteção da Igreja

Dirijamo-nos agora ao Evangelho de São Lucas que nos narra como o Senhor, durante a Última Ceia, confere de novo uma tarefa especial a Pedro (cf. Lc 22, 31-33). Desta vez as palavras de Jesus dirigidas a Simão encontram-se imediatamente depois da instituição da Santíssima Eucaristia. [...] [Ele] diz que Satanás pediu para poder joeirar os discípulos como o trigo. Isto recorda o trecho do Livro de Jó, no qual Satanás pede a Deus a faculdade de atingir Jó. [...]

Acontece assim também com os discípulos de Jesus – Deus dá uma certa liberdade a Satanás em todos os tempos. Com frequência parecemos que Deus concede demasiada liberdade a Satanás; que lhe concede a faculdade de nos sacudir de maneira demasiado terrível; e que isto supera as nossas forças e nos oprime demasiado.

Bradaremos sempre de novo a Deus: Ai de mim, olha para a miséria dos teus discípulos, protege-nos! De fato, Jesus continua: “Mas Eu roguei por ti, para que a tua fé não desfaleça”

Sua promessa é verdadeira: os poderes da morte, as portas do inferno não prevalecerão contra a Igreja que Ele edificou sobre Pedro

(Lc 22, 32). A oração de Jesus é o limite colocado ao poder do maligno. A oração de Jesus é a proteção da Igreja.

“Pedro, Eu rezei por ti!”

Podemos refugiar-nos sob esta proteção, apegar-nos a ela e dela estar seguros. Mas, como nos diz o Evangelho, Jesus reza de modo especial por Pedro: “para que a tua fé não desfaleça”. Esta oração de Jesus é ao mesmo tempo promessa e tarefa. A oração de Jesus tutela a fé de Pedro; aquela fé que ele Lhe confessou em Cesareia de Filipe: “Tu és Cristo, o Filho do Deus vivo” (Mt 16, 16).

Nunca permitir que esta fé se torne muda, fortalecê-la sempre de novo, precisamente também perante a cruz e todas as contradições do mundo: é esta a tarefa de Pedro. Por isso o Senhor não reza só pela fé pessoal de Pedro, mas pela sua fé como serviço aos outros. É precisamente isto que Ele pretende dizer com as palavras: “E tu, uma vez convertido, fortalece os teus irmãos” (Lc 22, 32).

“E tu, uma vez convertido” – estas palavras são ao mesmo tempo profecia e promessa. Elas profetizam a debilidade de Simão que, perante uma serva e um servo, negará que conhece Jesus. [...]

“E tu, uma vez convertido” – o Senhor, que lhe prediz a queda, também lhe promete a conversão: “Voltando-Se, o Senhor fixou os olhos em Pedro...” (Lc 22, 61). O olhar de Jesus realiza a transformação e torna-se a salvação de Pedro: ele, “saindo para fora, chorou amargamente” (Lc 22, 62). [...]

A verdade é mais forte que a morte

A terceira referência à primazia encontra-se no Evangelho de São João (21, 15-19). O Senhor ressuscitou, e como Ressuscitado confia a Pedro o seu rebanho. Também aqui se comparam reciprocamente a cruz e a ressurreição. Jesus prediz a Pedro que o seu caminho irá em direção à cruz. Nesta Basílica erigida em cima do túmulo de Pedro, um túmulo pobre, vemos que o Senhor vence sempre precisamente assim, através da cruz.

O seu poder não é um poder segundo as modalidades deste mundo. É o poder do bem, da verdade e do amor, que é mais forte que a morte. Sim, a sua promessa é verdadeira: os poderes da morte, as portas do inferno não prevalecerão contra a Igreja que Ele edificou sobre Pedro (cf. Mt 16, 18). ✧

Excertos de: BENTO XVI.
Homilia, 29/6/2006

“Deixai-vos reconciliar com Deus!”

A Liturgia de hoje nos apresenta um decisivo embate entre os embaixadores de Cristo e os do demônio, que tem por campo de batalha a sociedade atual e cada alma em particular. Por qual dos lados optaremos nesta Quaresma que se inicia?



✠ Mons. João Scognamiglio Clá Dias, EP

I – CONVERSÃO: O CONVITE DOS EMBAIXADORES DE DEUS

A Liturgia da Quarta-Feira de Cinzas abre o tempo penitencial da Quaresma, que a Santa Igreja reserva a seus fiéis para uma mudança de vida. Aquele propósito de conversão que tantas vezes formulamos ao começar o ano e não cumprimos, pode ser retomado agora, com as graças próprias a esse período.

Sábia como é, a Esposa Mística de Cristo almeja que nossas almas estejam limpas dos apegos que acumulamos ao longo dos meses, com vistas à mais importante Solenidade do ano, o Tríduo Pascal, no qual comemoramos os mistérios da Paixão, Morte e Ressurreição do Senhor. A pedido dela, o Espírito Santo mostra-Se especialmente solícito em distribuir graças de emenda aos católicos que vivem com compenetração esses dias.

“Lembra-te de que és pó”

Nesta celebração a Igreja prescreve a imposição das cinzas, complementando de forma muito simbólica o jejum que marca a Liturgia. O ato recorda que de nada valem ao homem todos os bens da terra se, pelo processo normal da natureza, ele haverá de morrer e retornar ao pó do qual saiu, como bem sublinha uma das fórmulas usadas na

cerimônia: “*Memento, homo, quia pulvis es, et in pulverem reverteris* – Lembra-te, homem, de que és pó, e ao pó hás de voltar”.

As leituras deste dia reúnem algumas das vozes mais autorizadas para falar em nome de Deus, tanto do Antigo quanto do Novo Testamento, exortando-nos a retornar ao Senhor, o qual, infelizmente, muitas vezes abandonamos para abraçar o pecado...

“*Voltai para Mim!*”: o brado dos verdadeiros profetas

No Antigo Testamento observamos com frequência como, após imensas calamidades ocasionadas pelos pecados do povo eleito, Deus o chama à conversão por meio de seus autênticos emissários, os profetas.

Assim aconteceu no tempo de Joel, quatrocentos anos antes da vinda do Divino Redentor, cujo oráculo é recolhido na primeira leitura (cf. Jl 2, 12-18). O profeta previu tremendos castigos para Israel, clamando: “Tocai a trombeta em Sião, dai alarme no meu monte santo! Estremeçam todos os habitantes da terra, eis que se aproxima o dia do Senhor, dia de trevas e de escuridão, dia nublado e coberto de nuvens” (Jl 2, 1).

A ameaça de um castigo iminente foi sempre um recurso usado por Deus na linguagem profética

Como outrora em Israel, também hoje Deus chama os homens à conversão por meio de seus autênticos emissários, os profetas

EVANGELHO

Naquele tempo, disse Jesus aos seus discípulos: ¹“Ficai atentos para não praticar a vossa justiça na frente dos homens, só para serdes vistos por eles. Caso contrário, não recebereis a recompensa do vosso Pai que está nos Céus.

²“Por isso, quando deres esmola, não toques a trombeta diante de ti, como fazem os hipócritas nas sinagogas e nas ruas, para serem elogiados pelos homens. Em verdade vos digo: eles já receberam a sua recompensa. ³Ao contrário, quando deres esmola, que a tua mão esquerda não saiba o que faz a tua mão direita, ⁴de modo que a tua esmola fique oculta. E o teu Pai, que vê o que está oculto, te dará a recompensa.

⁵“Quando orardes, não seiais como os hipócritas, que gostam de rezar em pé,

nas sinagogas e nas esquinas das praças, para serem vistos pelos homens. Em verdade, vos digo: eles já receberam a sua recompensa. ⁶Ao contrário, quando tu orares, entra no teu quarto, fecha a porta, e reza ao teu Pai que está oculto. E o teu Pai, que vê o que está escondido, te dará a recompensa.

¹⁶“Quando jejuardes, não fiqueis com o rosto triste como os hipócritas. Eles desfiguram o rosto, para que os homens vejam que estão jejuando. Em verdade, vos digo: eles já receberam a sua recompensa. ¹⁷Tu, porém, quando jejuares, perfuma a cabeça e lava o rosto, ¹⁸para que os homens não vejam que estás jejuando, mas somente teu Pai, que está oculto. E o teu Pai, que vê o que está escondido, te dará a recompensa” (Mt 6, 1-6.16-18).

para exortar à mudança de rumos. Pode-se constatar nas Escrituras quantas vezes a advertência se cumpriu porque, ignorando a voz do embaixador divino, os judeus omitiram as obras de conversão. Para deter a punição bastava, entretanto, adotar a via de penitência proposta: “Voltai para Mim com todo o vosso coração, com jejuns, lágrimas e gemidos” (Jl 2, 12). Quando há consciência clara do pecado, arrependimento e pedido de perdão, o Senhor, que é a Misericórdia, está disposto a voltar atrás em suas ameaças e esquecer as faltas cometidas. E o faz inclusive em atenção à sua própria glória, pois sua herança – que no Novo Testamento é a Santa Igreja – poderia sofrer infâmia ao afirmarem os ímpios: “Onde está o Deus deles?” (Jl 2, 17).

Vemos então que na penitência se encontra a solução para muitos dos problemas que assolam nossas vidas. Mesmo porque Deus não somente perdoa aqueles que se convertem, como lhes concede dons novos para operar uma verdadeira restauração em suas almas. Quando os passos divinos se apressarem e ouvirmos o rumor do castigo que vem chegando, peçamos, pois, perdão ao Senhor de coração aberto à correção.

A Liturgia ainda nos oferece o exemplo de um dos mais admiráveis conversos do Antigo Testamento: Davi, que atendeu à repreensão de outro embaixador de Deus, o profeta Natã, e se emendou. O Salmo 50, conhecido como *Miserere* e composto por ele para pedir perdão a Deus pelos pecados de adultério e homicídio que havia cometido, reflete a perfeita postura da alma contrita: “Criai em mim um coração que seja puro, dai-me de novo um espírito decidido” (50, 12). Como é bela a história de uma pessoa que ouviu a voz dos profetas e corrigiu sua vida! Seu nome, longe de se tornar sinal de ignomínia, converte-se num título de glória: Rei Davi, antepassado do Messias!

Embaixador de Cristo entre os homens

Tal como se passava na Antiga Aliança, no Novo Testamento o Apóstolo São Paulo se apresenta como embaixador de Deus, desta vez feito Homem: Nosso Senhor Jesus Cristo. À luz do mistério da Redenção, essa missão adquire outros fulgores, como nos mostra a segunda leitura: “Irmãos, somos embaixadores de Cristo, e é Deus mesmo que exorta através de nós. Em nome

Quantos castigos se abateram sobre o povo eleito por não trilharem os caminhos indicados pelo embaixador divino!

Todo pecado tem por raiz o orgulho, razão pela qual os seguidores do demônio utilizam-se desse vício para conduzir as almas ao inferno

de Cristo, nós vos suplicamos: deixai-vos reconciliar com Deus” (II Cor 5, 20).

A reconciliação cabe a quem está fora da amizade com Deus, ou seja, àqueles que cometeram qualquer falta grave. Exceção feita de Nosso Senhor Jesus Cristo, de Nossa Senhora e certamente de São José, quem não tem alguma razão para bater no peito? Dizer o contrário seria uma presunção pois, mesmo que nossa consciência nos acusasse apenas de faltas leves, devemos considerar que um só pecado venial – por se tratar de uma ofensa a um Ser infinito – não pode ser reparado sequer pelos méritos da Santíssima Virgem, somados aos de todos os bem-aventurados e Anjos do Céu. Assim, para recebermos adequadamente essa reconciliação, o Pai entregou seu Filho à morte de Cruz por nós: “Aquele que não cometeu nenhum pecado, Deus O fez pecado por nós, para que n’Ele nós nos tornemos justiça de Deus” (II Cor 5, 21).

Por fim o Evangelho nos adverte, pelos lábios do Embaixador Divino por excelência, contra os emissários do demônio, cuja hipocrisia, embora se revista de aparência religiosa, visa nos afastar do caminho da salvação.

II – ORGULHO, ARMA DOS EMBAIXADORES DO DEMÔNIO

Os versículos do Evangelho desta comemoração, já largamente comentados em outra ocasião,¹ trazem à tona a trilogia formada pela esmola, oração e jejum, como obras piedosas que nos tornam agradáveis a Deus. Nesse sentido, a atual penitência obrigatória na Quaresma está reduzida a algo quase simbólico: dois dias de jejum – na Quarta-Feira de Cinzas e na Sexta-Feira Santa –, além da abstinência de carne nas sextas-feiras. Há, entretanto, um jejum do qual fala mais especialmente Nosso Senhor, uma penitência que nunca será abolida nem mitigada, mas, pelo contrário, sempre mais recomendada, e

que podemos praticar com grande benefício para nossas almas. Esta diz respeito mais aos delírios próprios do espírito que aos da carne.

Orgulho: o farisaísmo de todas as épocas

Não há pecado que não tenha por raiz o orgulho. E para combatê-lo, é preciso pôr-se na contemplação de Deus: quanto mais se ama ao Senhor, mais se recebem luzes para participar de sua felicidade. Essa realidade, tão simples de ser enunciada, constitui a grande dificuldade do homem nesta terra. Por isso, aqueles que querem servir ao demônio na sua obra de perdição e, portanto, se erigem em seus embaixadores, usam deste terrível vício para conduzir os demais pelas vias que levam ao inferno.

Tal loucura é estigmatizada pelo Divino Mestre no capítulo sexto do Evangelho de São Mateus, ao descrever uma série de costumes praticados por aqueles que Ele denomina “hipócritas”, referindo-se, sem dúvida, aos judeus que se dei-

xavam guiar pela prática religiosa toda feita de exterioridades da seita farisaica.

Não peça prêmio aquele que já o recebeu

Naquele tempo, disse Jesus aos seus discípulos: ¹“Ficai atentos para não praticar a vossa justiça na frente dos homens, só para serdes vistos por eles. Caso contrário, não receberéis a recompensa do vosso Pai que está nos Céus”.

Neste primeiro versículo, Nosso Senhor censura os que praticam a justiça para serem vistos pelos demais. Contudo, no capítulo anterior, que também se insere no Sermão da Montanha, Ele legitima a atuação daqueles cujas boas obras são contempladas pelos outros: “Não se pode esconder uma cidade situada sobre uma montanha, nem se acende uma luz para colocá-la debaixo do alqueire, mas sim para colocá-la sobre o candeeiro, a fim de que brilhe a todos os que estão



A oração do fariseu - Museu Lázaro Galdiano, Madri

em casa” (Mt 5, 14-15). À primeira vista, parece haver uma contradição no discurso do Salvador. Na realidade, porém, Ele ensina que não se deve fazer o bem *somente* com essa finalidade, mas sobretudo para louvar a Deus. Sua advertência, portanto, não obriga a esconder as obras boas em um cofre; ela apenas previne contra o erro dos fariseus, que tinham se voltado para si mesmos a ponto de esquecerem o Senhor.

Como a palavra do Divino Mestre é eterna e se aplica a todos os homens, nós também devemos tomar cuidado para não praticar a justiça com o intuito de nos constituir como centro da atenção dos outros. Quem assim procede, perde o mérito e tem sua paga – isto é, a satisfação consigo mesmo – já nesta terra. Em consequência, não poderá comparecer a seu juízo particular com a esperança de receber, como São Paulo, “a coroa da justiça” (II Tim 4, 8).

O perigo do “afeto retributivo”

²“Por isso, quando deres esmola, não toques a trombeta diante de ti, como fazem os hipócritas nas sinagogas e nas ruas, para serem elogiados pelos homens. Em verdade vos digo: eles já receberam a sua recompensa. ³Ao contrário, quando deres esmola, que a tua mão esquerda não saiba o que faz a tua mão direita, ⁴de modo que a tua esmola fique oculta. E o teu Pai, que vê o que está oculto, te dará a recompensa”.

Para os judeus, como para tantos homens contemporâneos, dar uma esmola importava num enorme sacrifício... Custava-lhes tirar dos próprios bens para favorecer o próximo! E eles procuravam compensar essa “grande renúncia” com o prêmio do reconhecimento. Tocavam-se trombetas e todos paravam para aclamar o benfeitor, que se inchava de orgulho. Mais uma vez Nosso Senhor afirma já estar pago quem assim procede, pois recebeu como recompensa o incenso dos outros, o qual – é triste constatar – se evanece com o primeiro vento que passa.

Outro matiz deve ser levado em consideração. Há uma tendência na natureza humana, especialmente em regiões onde a comunicatividade e a benquerença no trato são mais intensas, que poderíamos definir como um desejo de “afeto retributivo”. Tal como alguém que trabalha para receber no fim do mês o seu ordenado, às vezes somos generosos com os outros aguardando uma reciprocidade que, negada, produz forte ressen-

timento. No fundo, a mesma recriminação que Nosso Senhor faz aos fariseus recai sobre esse desvio egoísta do instinto de sociabilidade.

Como obter a reta ordenação desse instinto? Perfeitíssimo na sua humanidade, embora com personalidade divina, Nosso Senhor Jesus Cristo é quem nos responde com seu exemplo. Sem perder a afetividade por seus irmãos, ao longo de todo o Evangelho Ele nos dá mostras de um relacionamento intensíssimo com o Pai que, depois, transborda em desejo desinteressado de fazer o bem ao próximo.

O vazio da oração feita para si mesmo

⁵“Quando orardes, não sejais como os hipócritas, que gostam de rezar em pé, nas sinagogas e nas esquinas das praças, para serem vistos pelos homens. Em verdade, vos digo: eles já receberam a sua recompensa. ⁶Ao contrário, quando tu orares, entra no teu quarto, fecha a porta, e reza ao teu Pai que está oculto. E o teu Pai, que vê o que está escondido, te dará a recompensa”.

Os defeitos farisaicos daquele tempo, os quais incluíam um ridículo exibicionismo religioso, exigiam que Nosso Senhor exortasse a orar na discricção do quarto e não em presença dos demais. Significaria isso que os católicos não podem rezar em lugar público? Obviamente, não. Essa passagem nos ensina que devem ser evitadas atitudes, seja fisionômicas ou corporais, que levem os demais a crer que temos uma piedade incomum ou que estamos sendo contemplados com um êxtase ou uma revelação...

Ao mesmo tempo, ao criticar a oração ostensiva característica à raça de víboras farisaica, o Salvador nos adverte contra um defeito a que está sujeita toda a humanidade. Na vida comum, não convém ao bom católico tomar quaisquer atitudes que importem em substituir Deus e o mundo sobrenatural por sua própria pessoa. E aqui voltamos ao ponto já enunciado: precisamos nos relacionar em função de Deus, e Deus é um ser simples!² O católico deve ser discreto, e não agir como uma criança que agita continuamente o chocalho para que os outros lhe deem atenção...

A vaidade anula o valor de qualquer sacrifício

¹⁶“Quando jejuardes, não fiqueis com o rosto triste como os hipócritas. Eles desfiguram o

Não convém ao católico tomar qualquer atitude que importe em substituir Deus e o mundo sobrenatural por sua própria pessoa

*Subestimando
o valor dos
Sacramentos,
os emissários
do demônio
oferecem
soluções
humanas, cujo
fim último
se encontra
nesta terra*

rosto, para que os homens vejam que estão jejuando. Em verdade, vos digo: eles já receberam a sua recompensa. ¹⁷Tu, porém, quando jejuares, perfuma a cabeça e lava o rosto, ¹⁸para que os homens não vejam que estás jejuando, mas somente teu Pai, que está oculto. E o teu Pai, que vê o que está escondido, te dará a recompensa”.

Numa ocasião em que Dr. Plínio Corrêa de Oliveira conversava com o Autor destas linhas sobre certas enxaquecas que lhe via padecer, ele lhe aconselhou que, quando isso acontecesse, nunca deixasse transparecer o incômodo em sua fisionomia ou atitudes exteriores. E ilustrava tal recomendação com uma pitoresca, mas eloquente expressão: “Quando uma pessoa sai de casa, não o faz de pijama”. De fato, causaria estranheza alguém que se levantasse de manhã e se apresentasse em público com a roupa de dormir. Semelhante comportamento equivaleria, no âmbito físico, ao desejo de chamar a atenção de outros para situações interiores que devem ser conservadas na intimidade da alma com Deus.

Este era o péssimo costume dos fariseus. Quando jejuavam, eles colocavam cinzas na cabeça, despenteavam a barba, andavam desalinhadados e com uma fisionomia dramática, para dar a entender aos demais que estavam fazendo um sacrifício incomum.

Não é essa a atitude que exige o apostolado contemporâneo. Numa sociedade que despreza o sacrifício, sobretudo quando feito por amor a Nosso Senhor, aqueles que renunciam às solicitações do mundo devem mostrar a alegria de servir a Deus, para evidenciar a vacuidade dos bens terrenos. E como hoje as pessoas se vestem de forma cada vez mais vulgar – quando ainda se vestem – e não costumam apreciar o valor da higiene, convém unir a limpeza à prática da virtude, e manifestar a felicidade dos filhos da verdadeira Igreja na fisionomia e na apresentação exterior.

***As boas obras devem ser vistas,
para que seja louvado quem as inspirou***

Assim como Nosso Senhor quis manifestar-Se ao longo de três anos de vida pública para cumprir em plenitude sua missão, a Igreja, que é uma sociedade visível, precisa luzir aos olhos de todos. Contemplar seus esplendores torna-se ocasião para que os homens recebam graças, prolongando a ação do próprio Jesus Cristo sobre a humanida-

de. Mas esse “ver” deve tê-Lo sempre como centro e ponto final.

No que nos diz respeito, quando tenhamos de ser ponto de referência para os demais, devemos aceitá-lo apenas como um meio para que as pessoas se elevem até Deus. As imagens apresentadas pelo Evangelho de hoje nos mostram o quanto o orgulho leva o homem a situações ridículas e convidam-nos à simplicidade de coração e a nunca chamar a atenção sobre nós mesmos. Em suma, elas nos ensinam que quem procura o seu tesouro na terra perde o do Céu, e quem nega os prêmios do mundo ganha os do Céu.

III – O EMBATE DE DOIS PROFETISMOS

No Evangelho deste início de Quaresma, o Divino Mestre confronta a piedade e a penitência falsas com as autênticas. Os hipócritas ostentam esmolas, orações e jejuns de maneira a agradar os homens, e recebem a recompensa oferecida pelo mundo. Jesus, porém, nos ensina que devemos almejar tão somente a retribuição vinda de Deus, a qual nos é prometida por seus legítimos embaixadores.

Como nos dias de Joel, de São Paulo ou de Nosso Senhor, também hoje o mundo é assolado por terríveis catástrofes. Quando não se trata da ameaça de inimagináveis cataclismos nas suas mais diversas formas, é o perigo de uma guerra mundial prestes a se tornar nuclear que desponta no horizonte. Em meio a essa insegurança, Deus nos oferece nesta Quaresma, uma vez mais, um tempo favorável para a conversão.

***As falsas promessas
dos embaixadores do demônio***

No ano de 2023, esse período penitencial reveste-se de um caráter especial. Tal como nas épocas consideradas nas leituras desta Liturgia, nos é dado escolher entre os embaixadores de Cristo, que nos apresentam o caminho da salvação, e os novos embaixadores do demônio que, como os fariseus do tempo de Nosso Senhor, oferecem soluções alicerçadas no orgulho e em recursos humanos, cujo fim último reside nesta terra.

Multiplicam-se as descobertas científicas que pretendem tornar a vida humana mais agradável e prolongá-la indefinidamente, como se a felicidade plena se encontrasse neste mundo e não no Céu. Proliferam-se avanços tecnológicos cada vez mais ousados e invasivos, cuja aceitação



São Paulo confronta o falso profeta Barjesus - Museu Carnavalet, Paris

sempre exige alguma “entrega desinteressada”, haja visto os efeitos deletérios para a saúde dos onipresentes aparelhos cibernéticos. Impõe-se uma nova religião com moral própria, cujos “atos de piedade” visam tão só impressionar a opinião dominante, em geral avessa à Lei de Deus.

Tornou-se bonito, por exemplo, pedir perdão pelos “pecados” cometidos contra o meio ambiente, chegando às vezes a extremos que ferem o senso comum, ou penitenciar-se por atos tachados de “inadequados” pela nova moral, mesmo se isso signifique romper com a fidelidade ao ensinamento tradicional da Santa Igreja em matéria de Fé e de costumes, enquanto esta mesma fidelidade passa a ser considerada rigidez e falta de caridade por não pactuar com o relativismo reinante.

Os embaixadores do demônio, enquanto subestimam o valor dos Sacramentos e, portanto, da graça divina, supervalorizam a ciência, que assegura acabar com certos males, sem nunca o fazer inteiramente. À semelhança de seu caudilho, eles nunca dão o que prometem, mas tiram o que afirmavam garantir. Em cada época, enfim, o demônio cria um bem-estar pseudoeterno para o homem, que lhe faça esquecer a Deus.

O que oferecem os embaixadores de Cristo?

Em sentido diametralmente oposto, os embaixadores de Nosso Senhor Jesus Cristo, cujas vozes ressoam nesta Liturgia que abre a Quaresma, exortam a uma verdadeira conversão do coração, fruto de um arrependimento sincero e um confiante pedido de perdão, que se manifesta em atos de piedade e penitência autênticos. Esses embaixadores, como São Paulo frisa na segunda leitu-

ra, dão todo o valor à graça de Deus, exortando a que ela não seja recebida em vão (cf. II Cor 6, 1).

Cabe então perguntar: o que nos impede de seguir o conselho do Apóstolo e nos deixarmos reconciliar com Deus (cf. II Cor 5, 20)? Diversos fatores, entre os quais: não reconhecer nossas próprias culpas; não considerar nos acontecimentos que nos circundam a mão da Providência a nos chamar para Si; não ver em Deus o Pai bondoso, compassivo, paciente e cheio de misericórdia que consentiu em sacrificar seu Unigênito para nos redimir (cf. II Cor 5, 21); não buscar a salvação na graça divina, concedida pelos Sacramentos. Em suma, detém-nos o fato de dar mais ouvidos aos embaixadores dos demônios que aos de Nosso Senhor.

Ante a alternativa a nós apresentada no início deste período penitencial, atendamos à voz de Cristo que nos vem por meio de seus embaixadores. E se nossa consciência nos acusa de alguma falta, façamos uma boa Confissão, que nos reconcilie verdadeiramente com Deus e seja o ponto de inflexão para a retomada do bom caminho, no qual perseveremos, com ajuda da graça, de ora em diante. ✧

Apoiados na graça, os embaixadores de Cristo exortam à verdadeira conversão do coração, fruto de um confiante pedido de perdão

¹ Cf. CLÁ DIAS, EP, João Scognamiglio. O centro deve estar sempre ocupado por Deus. In: *Arautos do Evangelho*. São Paulo. N.98 (fev., 2010); p.10-17. Tendo sido comentados detalhadamente nesse artigo os dados exegéticos a respeito dos costumes estigmatizados por Nosso Senhor no Evangelho da Quarta-Feira de Cinzas, nas presentes linhas se deitará maior cuidado nas aplicações morais úteis para os nossos dias.

² CCE 202.

O primeiro e o último Papa

Há quem afirme ter sido ele o último Pontífice de uma época que se foi. Muitos o consideram o tutor da Tradição num período de rupturas. Poucos ousam negar que sua vida marcou a transição de uma era antiga para uma nova, no mundo e na Igreja. Afinal, quem foi Bento XVI?

↳ **Humberto Luís Goedert**



Reprodução

Naquela tarde de Roma, a colina do Vaticano presenciou uma inaudita execução: ao longe se avistava um galileu crucificado de cabeça para baixo. Devido ao método atroz, poder-se-ia deduzir que se tratasse de um cruel criminoso. Na realidade, estava-se diante do único mortal capaz de ligar a terra ao Céu (cf. Mt 18, 18). Pedro, o Príncipe dos Apóstolos, entregava, por fim, a alma ao Amor de sua vida.

Sem a presença da Cabeça visível da Igreja, o Vigário de Jesus Cristo, o orbe se encontrava literalmente de ponta-cabeça... De fato, a Igreja nascente recebia o seu primeiro grande abalo: a Sé estava vacante! Mas nada haveria de se temer, pois o Divino Mestre constituíra sua Igreja sobre rocha firme. Dela emanaria uma coorte de sucessores do primeiro Papa que, um após outro, transmitiria o poder das chaves até a atualidade.

O derradeiro dia de 2022 assistiu à mais recente morte de um Pontífice. Bento XVI não seguiu seu mais antigo predecessor no martírio, mas quis ecoar a respos-

ta de Pedro quando este foi perguntado por Jesus sobre a extensão de seu amor (cf. Jo 21, 15-19). Com efeito, as últimas palavras do Papa Emérito foram: “Senhor, eu Te amo”.

Haverá mais vínculos entre o primeiro e o último Papa a falecer?

“Segue-Me e te farei pescador de homens”

Joseph Aloisius Ratzinger viu a luz justo na metade do período conhecido como “entre duas guerras”. Seu natalício coincidiu com o Sábado de Aleluia, véspera da Páscoa, o que foi interpretado pela família como algo providencial, como de fato o foi. Bento XVI seria chamado a ser precônio da vitória de Cristo sobre a morte, como Pedro após visitar o sepulcro vazio.

Em 1939, aos doze anos, o menino Joseph foi inscrito num seminário menor, onde passou três anos, até o seu fechamento pelos nazistas e a expulsão dos estudantes para casa. Apesar da saúde débil e sua oposição ao regime hitlerista, foi obrigado ao serviço militar. Nas situações mais adversas, sentia a presença de um “Anjo especial”¹ que o protegia, à maneira daquele que libertou Pedro da prisão (cf. At 12, 7-11).

Mesmo perseguido em razão de seu desejo de abraçar o sa-



Da rocha sobre a qual Cristo constituíra sua Igreja, emanaria uma coorte de sucessores do primeiro Papa, que transmitiriam o poder das chaves até a atualidade

“Martírio de São Pedro”, por Pedro Sierra - Museu Nacional de Arte da Catalunha, Barcelona (Espanha); acima, fachada da Basílica de São Pedro durante a Missa fúnebre de Bento XVI

cerdócio, foi ordenado. Encerrou os estudos acadêmicos em 1957, quando concluiu sua habilitação com uma tese sobre a Teologia da História em São Boaventura. No ano seguinte tornou-se professor em Freising e, em 1959, seguiu para a Universidade de Bonn.

Mais tarde desempenhou uma das mais importantes funções de sua vida: foi perito do Vaticano II. Sobre este concílio, insistiu posteriormente que seria necessário redescobrir seu verdadeiro sentido, diante de forças latentes agressivas como o racionalismo, o individualismo e o hedonismo, que procuraram desvirtuá-lo.² Já como Papa, discerniu um “concílio da mídia”, que criou “tantas calamidades, tantos problemas, realmente tanta miséria: seminários fechados, conventos fechados, Liturgia banalizada...”³

Enquanto Prefeito da Congregação para a Doutrina da Fé, entre 1981 e 2005, diagnosticou que a “heresia ainda existe” e que é necessário – como indicou seu primitivo predecessor – preservar o povo dos “falsos profetas”, que trazem heresias perniciosas e doutrinas dissolutas (cf. II Pd 2, 1-2).⁴ Pois bem, quem seriam esses farsantes, esses “Simões Magos” (cf. At 8, 9-24) que, como falsos “Simões Pedros”, conspurcam os bens espirituais da Igreja? Talvez, como nos primórdios do Cristianismo, só com o tempo serão eles detectados...

Guiando a barca de Pedro no meio da tempestade

Quando os cento e quinze Cardeais se reuniram em conclave no dia 18 de abril de 2005, raras vozes arriscavam apostar que o Cardeal Ratzinger seria eleito Papa, após apenas quatro escrutínios. Por razões bem diferentes, também poucos sugeririam que o iletrado e indouto Pedro (cf. At 4, 13), pescador do Mar da Galileia, poderia ser alçado à mais alta dignidade da

Igreja... Deus escolhe o que é fraco para o mundo, a fim de confundir os fortes (cf. I Cor 1, 27)!

Ratzinger escolheu o nome *Bento*, em referência ao Papa Bento XV, guia da Igreja nos tempos turbulentos da Primeira Guerra, e a Bento de Núrsia, patriarca da civilização ocidental.⁵

Como na época da mencionada guerra, o primeiro Papa eleito no terceiro milênio reinou num período de



Pontífice “entre duas épocas”, a Bento XVI cabia a tarefa de levar a cabo uma verdadeira contrarrevolução civilizacional

Bento XVI cumprimenta os fiéis reunidos para a Missa dominical na Praça de São Pedro, em 2010

rupturas institucionais. Quando indagado se sentia-se “como o último Papa de uma era antiga ou como o primeiro de uma nova era”, respondeu: “Diria que estou entre duas épocas”.⁶ Bento XVI seria, nesse sentido, verdadeiro *Pontífice*, isto é, “ponte” entre dois mundos, como ele mesmo se retratou: “Já não pertenço ao mundo antigo, mas tampouco existe o novo ainda”.⁷

De fato, durante o seu papado, uma nova geração nasceu com os dispositivos eletrônicos nas mãos. A Revolução alargou seus passos, promovendo a secularização, a dissolução familiar e um modo de viver

quase tribal, conforme prognosticou Dr. Plínio Corrêa de Oliveira.⁸

Certamente todo o cabedal doutrinário do teólogo Ratzinger terá o seu papel na busca de restaurar a Fé. Bento XVI foi o Papa que, ao longo de toda a sua vida, mais escreveu na história da Igreja. Contudo, como interpelou ainda Dr. Plínio, “qual seria a utilidade dos livros, dos pensadores, do que, enfim, reste de civilização, em um mundo tribal no qual estivessem desatados todos os furacões das paixões humanas desordenadas e todos os delírios dos ‘misticismos’ estruturalo-tribalistas? Trágica situação essa, na qual ninguém seria alguma coisa, sob o império do Nada...”⁹

Diante desse nihilismo, a missão inspirada em São Bento há de ser entendida muito mais na linha do que recentemente se denominou “opção Bento”,¹⁰ isto é, a busca do ideal de ordem e temperança, a sabedoria em lidar com o trabalho e com a oração, a promoção integral da educação cristã, bem como o alheamento da corrupção mundana, à maneira da regra beneditina. Em outras palavras, uma verdadeira contrarrevolução civilizacional.

O fato é que o próprio Bento XVI não cumpriu inteiramente a referida “opção Bento”, mesmo porque seu pontificado foi relativamente curto. Ao menos o seu legado o cumprirá?

A negação de Pedro e a renúncia de Bento

No dia 11 de fevereiro de 2013, um raio em céu sereno cravou-se sobre a cúpula da Basilica de São Pedro. Bento XVI seria o primeiro Papa dos tempos modernos a renunciar ao múnus petrino. Até os Céus estavam surpresos com a decisão!

É inegável que esse ato determinou uma nova fase na vida de Bento XVI, à maneira das negações de Pedro. Não estamos a induzir que a renúncia ao

Com a renúncia, um raio em céu sereno cravou-se sobre a cúpula da Basílica de São Pedro... A debilidade física no Pontífice alemão não guarda analogia com a falta de força espiritual na pessoa de Pedro durante a Paixão?

Cúpula da Basílica de São Pedro, Vaticano, no dia em que Bento XVI anunciou sua renúncia

Filippo Monteforte/AFP via Getty Images

múnus petrino tenha sido uma traição. Longe disso. Contudo, a debilidade física no Pontífice alemão guarda analogia com a falta de força espiritual na pessoa de Pedro ante as interrogações de uma simples criada. Não consta que o Papa se arrependeu dessa decisão, mas é simbólico que seu secretário particular, Dom Georg Gänswein, tenha “chorado amargamente” (cf. Lc 22, 62) em 18 de junho de 2022, quando comentou o fato.

Pascal declarou que “todas as coisas cobrem algum mistério; todas as coisas são véus que cobrem a Deus”.¹¹ Pois bem, o que dizer de uma renúncia pontifícia?... Se são misteriosos os movimentos da alma de Pedro durante a Paixão, como não se perguntar sobre as reflexões de Bento XVI antes de sua demissão? Que papel terá doravante um “Papa Emérito”?

Talvez nunca saberemos responder a essas indagações, mas tudo fica mais enigmático se ainda tomamos as palavras de Dom Gänswein em 20 de maio de 2016: “Antes e depois de sua renúncia, Bento entendeu e entende a sua tarefa como participação nesse ‘ministério petrino’. Ele deixou o sólio pontifício; todavia, com o passo do dia 11 de fevereiro de 2013, não abandonou, de modo algum, esse ministério”.¹² Aqui, como nos atos litúrgicos, o mais importante não são os sinais evidentes, mas aqueles que estão sob aura do mistério...

O último Papa?

É fato notório que as vésperas do ano de 2023 viram o último Papa a falecer. Mas teria Bento XVI encerrado

a lista dos Papas mencionados na chamada “profecia de São Malaquias”? Essa foi uma das perguntas de Peter Seewald em 23 de maio de 2016, à qual o Pontífice Emérito respondeu: “Tudo é possível”.¹³ Contudo, ele acrescenta que, de todos os modos, não se deve interpretar isso como o fim do Papado.

Seja como for, com a morte de Bento XVI, já não temos mais sua participação no múnus petrino. Nesse sentido, a vida do Pontífice alemão não teria sido uma espécie de *kathekon* – freio – contra o “mistério da impiedade” (II Tes 2, 7)? Se é assim, virá então agora uma nova fase, por ele próprio prevista? Mais ainda, isso está em consonância com a mensagem de Fátima, cuja missão profética – comentou Bento XVI – não está ainda concluída?¹⁴ Como asseverou Dom Gänswein, “somente *ex post*, os Papas podem ser julgados e enquadrados corretamente”.¹⁵ Um dia saberemos.

Depois da morte, a ressurreição

Aos olhos humanos, a morte de São Pedro, líder da nascente Igreja, representaria o fim do Cristianismo. Na realidade, porém, aconteceu precisamente o contrário. No ano seguinte, o perseguidor Nero foi derrubado do trono e morto por suas próprias mãos covardes. Em 70 d.C., o templo de Júpiter e os santuários de Juno e Minerva foram incendiados. Neste mesmo ano, Jerusalém foi destruída, para não mais sobrar pedra sobre pedra... De sua parte, a minúscula comunidade cristã continuou florescente em pequenos núcleos, em meio às perseguições.¹⁶

¹ RATZINGER, Joseph. *Aus meinem Leben. Erinnerungen*. München: DVA, 1998, p.41.

² Cf. RATZINGER, Joseph. *Rapporto sulla fede*. Roma: Paoline, 1985, p.28.

³ BENTO XVI. *Encontro com o clero de Roma*, 14/2/2013.

⁴ Cf. RATZINGER, *Rapporto sulla fede*, op. cit., p.20-21.

⁵ Cf. BENTO XVI. *Audiência geral*, 27/4/2005.

⁶ BENTO XVI; SEEWALD, Peter. *Benedicto XVI. Últimas conversaciones con Peter Seewald*. Bilbao: Mensajero, 2016, p.195.

⁷ Idem, *ibidem*.

⁸ Cf. CORRÊA DE OLIVEIRA, Plínio. *Tribalismo indígena, ideal comunio-missionário para o Brasil no século XXI*. São Paulo: Vera Cruz, 1977.

⁹ CORRÊA DE OLIVEIRA, Plínio. *Revolução e Contra-Revo-*

lução. 5.ed. São Paulo: Retornarei, 2002, p.204.

¹⁰ Cf. DREHER, Rod. *The Benedict Option. A Strategy for Christians in a Post-Christian Nation*. New York: Sentinel, 2017.

¹¹ PASCAL, Blaise. *Lettre du fin de octobre 1656 a Charlotte*

Isso considerado, a que ponto chegamos? Talvez já estejamos prestes a viver aquilo que o próprio Ratzinger prognosticou: uma comunidade à maneira de grão de mostarda, que se desenvolve em pequenos grupos, pouco significativos na aparência – os últimos... –, mas que devolvem o bem ao mundo.¹⁷ Para ele, a força da Igreja neste novo milênio virá daqueles “que têm raízes profundas e vivem da plenitude pura de sua fé”.¹⁸ Em outras palavras, o futuro da Igreja pertence aos Santos.¹⁹

Nessa esteira, como não pensar em uma nova vitalidade na Igreja, uma “primavera de Pentecostes”,²⁰ tal como preconizou Ratzinger em sua memorável entrevista com Vittorio Messori? Como não conjecturar um “grande renascimento católico”, tal como, por exemplo, ele presenciou durante seu pontificado entre os “Arautos do Evangelho, jovens cheios de entusiasmo, por terem reconheci-

do em Cristo o Filho de Deus e desejosos de anunciá-Lo ao mundo”?²¹ Nesses momentos em que tanto abundou o pecado, como não esperar uma superabundância da graça (cf. Rm 5, 20), uma como que nova descida do Espírito Santo?

Os primeiros e os últimos

Semelhante situação de calamidade, mas cheia de esperanças, coincide com a carta à Igreja de Filadélfia, consignada no Apocalipse. A esse propósito, São Boaventura trata sobre o advento de um “príncipe defensor da Igreja”, que a sustentará nos momentos de tribulação. Ele deterá o poder da chave de Davi, de modo tal “que abre e ninguém pode fechar; que fecha e ninguém pode abrir” (Ap 3, 7).²²

Depois dessa nova erupção do Espírito Santo, podemos então esperar que os eventos ocorram à maneira das narrações dos Atos dos Apóstolos.

Antes de tudo, faz-se necessária uma purificação dos traidores da Igreja: Judas é substituído por São Matias (cf. At 1, 15-26), antes do advento de Pentecostes (cf. At 2, 1-13). Pedro discursa às multidões (cf. At 2, 14-36), propiciando o crescimento da comunidade. Há milagres, conversões e curas (cf. At 2, 37-3, 26), para que se comprove onde está a verdadeira Igreja. Em seguida, o ministério petrino é amparado pelo “joanino”, quando João passa a colaborar diretamente nas batalhas de Pedro diante do sínodo, ou seja, contra a falsa Igreja (cf. At 4, 1-30). Por fim, surgem novas perseguições e missões, até reinar completamente a paz. Então estaremos diante do “vencedor” e da “nova Jerusalém, que desce do Céu, de junto do meu Deus” (Ap 3, 12).

Em suma, aqueles que pensam que são os primeiros, serão os últimos; e os que se julgam últimos, serão os primeiros... Quem tem ouvidos, ouça! ✧

Em consonância com a mensagem profética de Fátima, não estaremos prestes a viver aquilo que o próprio Papa prognosticou, uma Igreja que se desenvolve em pequenos grupos, insignificantes na aparência, mas que devolvem o bem ao mundo?

Bento XVI no Santuário Nossa Senhora de Fátima (Portugal); ao fundo, Serra da Cantareira, Mairiporã (SP)



© agefotostock

Juan Carlos Vilazquez

de Roannez. In: *Œuvres Complètes*. Paris: Gallimard, 1954, p.510.

¹² GÄNSWEIN, Georg. *Benedetto XVI, la fine del vecchio, l'inizio del nuovo: L'analisi di Georg Gänswein*. In: www.acistampa.com.

¹³ BENTO XVI; SEEWALD, op. cit., p.195.

¹⁴ Cf. BENTO XVI. *Homilia no Santuário de Fátima*, 13/5/2010.

¹⁵ GÄNSWEIN, op. cit.

¹⁶ Cf. WALSH, William Thomas. *Saint Peter the Apostle*. New York: Macmillan, 1948, p.307.

¹⁷ Cf. RATZINGER, Joseph. *O sal da terra*. 2.ed. Rio de Janeiro: Imago, 2005, p.15; 100.

¹⁸ RATZINGER, Joseph. *Fe y futuro*. Salamanca: Sígueme, 1973, p.74.

¹⁹ Cf. Idem, p.75.

²⁰ RATZINGER, *Rapporto sulla fede*, op. cit., p.41.

²¹ BENTO XVI. *Luce del mondo. Il Papa, la Chiesa e i segni dei tempi*. Città del Vaticano: LEV, 2010, p.89-90.

²² A esse respeito, ver: RATZINGER, Joseph. *La Teología de la Historia de San Buenaventura*. 2.ed. Madrid: Encuentro, 2010, p.67-70.



Trajetória fulgurante de um Papa histórico

Desde a juventude, na existência de Joseph Ratzinger brilhava o sinal de um chamado especial ao serviço da Igreja.



✎ Miguel de Souza Ferrari

Teólogo admirável, diplomata perspicaz, eclesiástico influentíssimo: tais são alguns dos atributos daquele que há pouco deixou esta vida, o Papa Bento XVI. Dificilmente alguém poderia cumprir com mais propriedade todos os requisitos para desempenhar o encargo de Sumo Pontífice em nossos dias do que Joseph Ratzinger; e creio serem raros os que ousariam negá-lo.

Entretanto, se é verdade que ele possuiu tais predicados, também é real que os adquiriu ao longo de uma extensíssima trajetória de experiências que formaram essa personalidade tão impactante quanto discreta. Portanto, para entender mais a fundo a figura de Bento XVI, nada melhor do que analisar sua vida.

Nasce na Baviera um menino destinado ao sacerdócio

Joseph Ratzinger nasceu a 16 de abril de 1927, em uma modesta família do vilarejo bávaro de Marktl am Inn, num ambiente de muita alegria e religiosidade. Tal circunstância o auxiliou a arraigar sua fé, produzindo nele verdadeiros encantos em relação à Igreja, os quais despertaram muito cedo em sua alma o desejo de se tornar sacerdote.

Apesar das dificuldades ocasionadas pela Segunda Guerra Mundial – durante a qual teve de servir no exército alemão –, pôde realizar seus estudos, sendo finalmente ordenado sacerdote em 29 de junho de 1951.

Influente perito no Concílio Vaticano II

Ratzinger não tardou a se destacar como homem eminentemente instruído, exercendo o ofício de professor em 1952 e obtendo, já em 1953, o doutorado em Teologia.

Não foi à toa que, por ocasião do Concílio Vaticano II, o Cardeal Joseph Frings, Arcebispo de Colônia, o convocou como seu conselheiro teológico particular, a fim de elaborar os esquemas a serem lidos nas sessões conciliares.

De tal maneira reluziu sua capacidade intelectual, que logo o sacerdote bávaro se tornou um dos peritos da magna assembleia, exercendo grandíssima influência no seu desenvolvimento.

O guardião do depósito da Fé

Entretanto, Ratzinger não estava destinado a permanecer como mero erudito. Sua atuação na Igreja estender-se-ia a um âmbito mais pastoral:

nomeado Arcebispo de Munique, recebeu a ordenação episcopal em 28 de maio de 1977 e, um mês depois, foi criado Cardeal pelo Papa Paulo VI.

Em fevereiro de 1982, o novo purpurado mudou-se para Roma. Exerceria ali não o governo sobre uma diocese, mas uma eficaz ascendência sobre a Igreja Universal, enquanto Prefeito da Congregação para a Doutrina da Fé.

Agora vemos Ratzinger, com sua boina e maleta, atravessando todos os dias a Praça de São Pedro rumo ao seu escritório, onde passa toda a jornada – inclusive durante feriados – em intensos trabalhos: lê incansavelmente inúmeras obras, sempre na língua original; prepara documentos da congregação; julga delitos graves; toma contato com textos sigilosos, como o da mensagem de Fátima, “a mais profética das aparições modernas”.¹

Sua firmeza doutrinária – que lhe valeu dos seus desafetos o epíteto de *Panzerkardinal*, numa alusão aos tanques de guerra alemães –, conferiu-lhe cada vez mais destaque no corpo eclesiástico, sendo reconhecido unanimemente como o braço direito de João Paulo II, sobretudo na última década do seu pontificado. Com a morte do

Papa em 2005, o nome de Ratzinger foi o mais votado para sucedê-lo.

“Habemus papam!”

Poucas vezes a Praça de São Pedro foi palco de maiores manifestações de entusiasmo do que naquele 19 de abril de 2005, quando se anunciou a eleição de Joseph Ratzinger – a partir de então, Bento XVI – como 265º sucessor de São Pedro. Ele escolheu para seu brasão pontifical a mesma frase do episcopal, indicando sua meta enquanto pastor: “*Cooperatores veritatis* – Cooperadores da verdade” (III Jo 1, 8).

Como atuaria enquanto Papa aquele que era tido como intransigente por seus detratores? Sua primeira encíclica, *Deus caritas est*, surpreendeu a esfera eclesiástica, pois fez vir à tona o Ratzinger da concórdia e da união: “Viver o amar e, deste modo, fazer entrar a luz de Deus no mundo: tal é o convite que vos queria deixar com a presente encíclica”².

Ainda no início do pontificado, consagrou-o à Virgem de Fátima, quicã insinuando com esse ato o que afirmaria taxativamente mais tarde sobre a atualidade das aparições de Nossa Senhora na Cova da Iria. Bem se vê que suas leituras enquanto Prefeito da Congregação para a Doutrina da Fé marcaram-no profundamente, e que lhe deram certo conhecimento sobre o futuro do Corpo Místico de Cristo.

O grão de mostarda

Muito fez Bento XVI enquanto cabeça visível da Igreja: sobretudo muito faltava por fazer. Assim foi com estupefação que, naquele histórico 11 de fevereiro de 2013, o mundo recebeu a notícia de sua renúncia como Sumo Pontífice: ele afirmava ter já esgotado suas energias, embora sua força vital o levasse a viver por quase mais dez anos.

Com estupefação, afirmamos, mas também com tristeza, pois o Papa alemão era estimado em todo o orbe, e

ainda com certa apreensão, uma vez que todos se indagavam sobre o futuro da Igreja após a renúncia.

Certamente Bento XVI ponderou com vagar as conseqüências daquele ato antes de concretizá-lo. Logo após sua eleição, afirmara ser necessário cada um estar ciente de que um dia prestaria contas ao Supremo Juiz por tudo quanto fez ou omitiu pela unidade plena e visível de seus discípulos.³ Nesse estado de espírito inaugurou seu pontificado, nele haveria de encerrá-lo, e nele entraria no silêncio e no recolhimento, como a semente que penetra no seio da terra. O Vigário de Cristo tornou-se, desse modo, um símbolo do Reino de Deus, comparado por Jesus ao grão de mostarda (cf. Lc 13, 19).

Ora, se nos entristecemos agora com a falta da semente, reconheçamos ser este o momento em que ela “produz muito fruto” (Jo 12, 24). Certas missões só se cumprem plenamente na vida eterna. Como se concretizará, doravante, a vocação de Bento XVI de ser “cooperador da verdade”?

Parecem tomar cor as palavras que ele proferiu outrora: “Estamos possivelmente perante uma época diferente e nova da História da Igreja. Nela, o Cristianismo voltará a estar sob o signo do grão de mostarda”. E retomando o tema, na mesma obra, acrescentou: “Mas é precisamente a partir daí que [ele] volta sempre a rejuvenescer”⁴.

Sepultou-se a semente, o futuro nos revelará quais brotos hão de nascer. Uma certeza permanece: no fim florescerá o Reino de Deus, pois Cristo, que no-lo prometeu, é imortal. ✧

¹ BENTO XVI. *Regina caeli*, 13/5/2007.

² BENTO XVI. *Deus caritas est*, n.39.

³ Cf. BENTO XVI. *Mensagem à Igreja Universal ao término da Santa Missa com os Cardeais eleitores*, 20/4/2005.

⁴ RATZINGER, Joseph. *O sal da terra*. 2.ed. Rio de Janeiro: Imago, 2005, p.15; 100.



Fotos: Reprodução



pictures: iettcom (CC by 3.0)

Sergey Gabdurakhmanov (CC by 2.0)

Elvir Tabaković (CC by-sa 4.0)

De cima para baixo: Joseph Ratzinger aos seis anos de idade; em 1950, seminarista; como Cardeal; já Papa, em 2009; enquanto Papa Emérito, em 2019. Na página anterior, Bento XVI em 2010

Sobre a pedra que é Pedro

Cada legítimo Sumo Pontífice perpetua o mesmo primado de Cefas. De certa forma, também eles recebem do Mestre o olhar que, além de convocá-los para o cargo, os convida a firmarem-se no seu amor.



✉ **Javier Antonio Sánchez Vásquez**

A tecnologia tem feito progressos assombrosos no campo dos armamentos ao longo das últimas décadas. Inovações do gênero noticiam-se com frequência, ainda mais a propósito do ameaçador conflito na Ucrânia. O poderio bélico de uma nação, contudo, não pode limitar-se à mera produção e armazenamento de armas. Como é praxe nas guerras, cada partido procura apropriar-se do arsenal inimigo, estudá-lo e usá-lo contra o antigo detentor.

De modo análogo, desde as suas origens, o Papado foi uma instituição ferozmente combatida por homens e demônios. Claro está, nesse embate já há um vencedor, pois as portas do inferno jamais prevalecerão contra a Igreja (cf. Mt 16, 18). Existem momen-

tos, porém, em que o cerne da luta se estende até o coração de Pedro, e os inimigos procuram fazê-lo palpitar contra a própria instituição que deveria proteger. Nessas condições, o que podem fazer por ele os fiéis que militam na terra?

Remontemo-nos às origens da missão do Sumo Pontífice, para melhor responder a essa pergunta.

Quem é Pedro?

Ao longo dos séculos, elaboraram-se expressões muito singulares para se referir ao primeiro Papa. Entre outras denominações que remontam a tempos longínquos, encontramos estas: “Príncipe dos Santos Apóstolos”, “corifeu de seu coro”, “boca de todos os Apóstolos”, “vértice da Igreja”.¹ Como salientou o Papa Leão XIII, esses títulos preconizam brilhantemente que Pedro foi posto no mais alto grau de dignidade e poder.

De fato, Nosso Senhor o constituiu – e nele também seus legítimos sucessores – chefe visível da Igreja Militante, con-

cedendo-lhe direta e imediatamente um primado de verdadeira e própria jurisdição, e não apenas honorífico.² Em virtude de seu cargo como representante de Cristo e pastor da Igreja, o Sumo Pontífice tem poder supremo e universal sobre toda a instituição.³

Mas o primado de Pedro, cujo reconhecimento e submissão são necessários para a salvação,⁴ exerce-se em harmonia com a constituição colegial da Igreja, quer dizer, com os Bispos do mundo inteiro que estão unidos a ele. Trata-se, portanto, de um primado de comunhão.⁵ Nosso Senhor Jesus Cristo, afinal, é quem governa sua Esposa Mística por meio do Papa e dos legítimos pastores.⁶ Assim, não condiz com o desempenho dessa autoridade um regime tirânico e totalitário.

O Santo Padre também preside na caridade,⁷ isto é, cabe-lhe a primazia no amor a Nosso Senhor. Precedência na caridade! Um olhar retrospectivo aos albores do Papado poderá ajudar-nos a compreender melhor a grandeza dessa instituição divina. Sobretudo, alentar-nos-á a ter por ela mais fervorosa dileção, já que o devotamento desinteressado das ovelhas

pode ajudar Pedro em sua árdua missão no transcorrer dos séculos.

O primeiro olhar de Jesus a Simão

O Evangelho de São João recolhe, com pormenores singulares, o acontecimento que transformou a vida de um pescador da Galileia.

André era um dos dois discípulos que acompanhavam São João Batista quando este, avistando Jesus, declarou: “Eis o Cordeiro de Deus” (1, 36). Tendo permanecido com o Mestre naquele dia, André foi logo à procura de seu irmão e testemunhou-lhe: “Achamos o Messias” (1, 41). Que luzes devem ter iluminado a alma de Simão ao ouvir o anúncio da chegada do Salvador!

Devemos considerar que, desde toda a eternidade, Jesus sabia quem iria escolher como pedra fundamental de sua Igreja. Era, porém, chegando o momento de encontrar-se com ele no tempo. Narra o Evangelista que André levou seu irmão ao Divino Mestre, “e Jesus, fixando nele o olhar, disse: ‘Tu és Simão, filho de João; serás chamado Cefas (que quer dizer pedra)’” (1, 42).

Esse olhar de eterna dileção jamais abandonará Pedro. É a revelação inicial que Jesus faz a seu futuro Vigário, e sobre essa verdade fundamental ergue-se a missão do “vértice da Igreja”.

Fixando-o, o Mestre contemplou todos aqueles que haveriam de sucedê-lo no sôlio pontifício. Com efeito, é por instituição do próprio Cristo – logo, por direito divino – que o Bem-Aventurado Pedro tem perenes sucessores no primado sobre a Igreja universal.⁸ Cada legítimo Sumo Pontífice perpetua o mesmo primado de Cefas. De certa forma, também eles recebem de Nosso Senhor o olhar que, além de os convocar para o cargo, os convida a firmarem-se no seu amor.

No primeiro olhar de Jesus a Pedro, o Papado encontra seu verdadeiro horizonte. A força desse olhar continuou

a sustentar Cefas ao longo dos séculos, assegurando a firmeza da rocha sobre a qual se erige a Igreja.

Uma confissão, um prêmio, um encargo

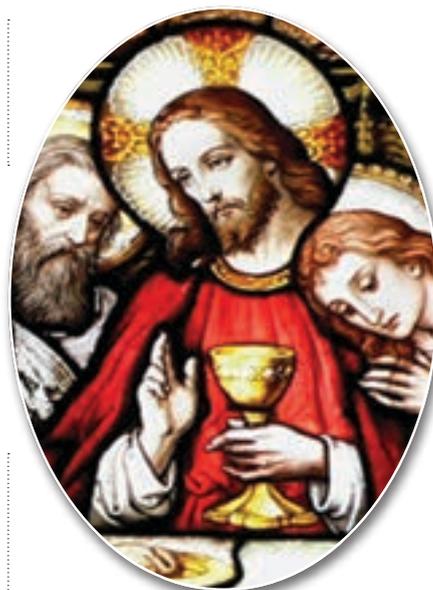
Com uma insuperável pedagogia divina secundada por graças, Nosso Senhor moldou e predis pôs passo a passo o coração de Simão para que, em determinado momento, ele recebesse de Deus Pai uma importantíssima revelação (cf Mt 16, 17).

São Pedro possuía a virtude da fé em tão alto grau, que foi o varão escolhido para confessar a divindade de Jesus. Essa proclamação “se realizou com base num discernimento penetrante, luzidio e abarcativo da natureza divina do Filho de Deus”,⁹ conforme explica Mons. João Scognamiglio Clá Dias.

Assim, estando com o Mestre na região de Cesareia de Felipe, longe de acontecimentos arrebatadores e da agitação das turbas, só a voz da fé se fez ouvir: “Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo” (Mt 16, 16). Em seguida, Jesus anunciou a Cefas que edificaria uma obra indestrutível, a Igreja, e entregaria a ele “as chaves do Reino dos Céus” (Mt 16, 19).

Pedro e João, uma evocativa relação

Contudo, a fé do primeiro Papa, por grande que fosse, não lhe bastaria para corresponder a seu chamado. Pedro garantiu ao Mestre que nunca O abandonaria; dentre os Apóstolos, porém, apenas João esteve junto à Cruz (cf. Lc 22, 33; Jo 19, 26). Pedro teve medo quando Jesus operou a pesca milagrosa no Lago de Genesaré: “Retira-Te de mim, Senhor, porque sou um homem pecador” (Lc 5, 8); João repousou sua fronte no Coração do Redentor (cf. Jo 13, 25), pois “no amor não há temor” (I Jo 4, 18). Enfim, Pedro proclamou sua fé em Jesus, e João expressou com singular clareza em que consiste o



Reprodução

Jesus ladeado por São Pedro e São João Evangelista - Igreja do Santíssimo Sacramento, Nova York

A relação entre os Apóstolos Pedro e João parece sublinhar o quanto a excelência da fé depende da soberania da caridade

centro da nossa Fé e a imagem cristã do Criador, ao dizer: “Deus é amor, e quem permanece no amor permanece em Deus e Deus nele” (I Jo 4, 16), como ensina Bento XVI.¹⁰

Não pretendemos insinuar que entre o Príncipe dos Apóstolos e São João existisse uma completa igualdade. Em meados do século XVII, durante o pontificado de Inocêncio X, foi julgada e declarada herética a doutrina sustentada pelo jansenista Martinho de Barcos, que defendia uma dupla cabeça na Igreja.¹¹ O herege equiparava o Apóstolo Paulo a São Pedro no poder supremo e no governo da Igreja universal.

Creemos, isto sim, que a bela relação entre Cefas e João – o Apóstolo do amor –, tão evidente nos Evangelhos, parece sublinhar o quanto a excelência da fé depende da soberania da caridade, embora ambas as virtudes sejam irmãs, elas de uma mesma corrente.

“Pedro, tu Me amas?”

“A fé opera pelo amor”,¹² afirma São Tomás; com efeito, a caridade torna o ato da fé perfeito e formado.

Ora, transcorridos anos de convívio com Nosso Senhor, apesar de ser grande a fé de Pedro, imperfeito era ainda o seu amor. E o Divino Mestre, antes de subir ao Céu, quis consolidar seu eleito na missão que lhe reservara. Isso aconteceu numa das aparições aos Apóstolos depois da Ressurreição, junto ao Lago de Tiberíades, quando Jesus perguntou-lhe três vezes: “Simão, filho de João, tu Me amas?” Diante da resposta afirmativa, Jesus ordenou: “apascenta os meus cordeiros”, “apascenta as minhas ovelhas” (Jo 21, 15-17).

A caridade é condição para apascentar o rebanho de Cristo, uma vez que, como vimos, trata-se de um atributo essencial do primado petrino. Assim, aumentando o amor de Cefas, o Salvador garantia a perenidade da instituição pontifícia.

É deduzível, portanto, que as fraquezas na vida de São Pedro – e as do Papado ao longo dos séculos – devam-se notadamente a defeições na linha do amor. Contam-se dois milênios de imaculada defesa da fé por parte do magistério infalível; entretanto, sem nunca faltar à ortodoxia nas palavras, pode-se pregar o desamor com o exemplo.

Dois mil anos de existência

Imediatamente após a tríplice interpelação, o Salvador profetizou:



Nosso Senhor Jesus Cristo entrega o rebanho da Igreja a São Pedro - Londres

Antes de subir ao Céu, Jesus quis consolidar Pedro no amor para garantir o cumprimento da sublime missão que lhe reservara

“Quando fores velho, estenderás as tuas mãos, e outro te cingirá e te levará para onde não queres” (Jo 21, 18).

O Papado conta com uma existência bimilenar. Quiçá, em determinado contexto histórico, essa instituição de longos dias veja-se submetida àquilo que o Divino Mestre previu a São Pedro: estenda as mãos aos algozes que querem crucificá-la, seja cingida e conduzida por estranhos para onde não deseja ir, por onde não deve ir.

Santa Faustina, a secretária da misericórdia de Jesus, registra em seu diário estas dolorosas palavras de Nosso Senhor: “Os grandes pecados do mun-

do ferem meu Coração superficialmente; porém, os pecados de uma alma eleita transpassam meu Coração por completo...”¹³

Durante a Paixão, estando na casa de Caifás, Pedro três vezes negou a Verdade, e por três vezes a Verdade caiu no caminho do Calvário. Não foram esses infelizes pronunciamentos do primeiro Papa quais novas pedras de tropeço para o Salvador (cf. Mt 16, 23)? É grande o poder de Pedro, que tudo pode ligar na terra e no Céu.

Entretanto, a predileção – esse mistério insondável – marcou a alma de Cefas para sempre. Ousemos afirmar que, em face da onipotência do perdão divino e das preces de Maria,

até mesmo o poder das chaves é impotente: “Voltando-Se o Senhor, olhou para Pedro. Então, Pedro se lembrou da palavra do Senhor: ‘Hoje, antes que o galo cante, tu Me negarás três vezes’. Saiu dali e chorou amargamente” (Lc 22, 61-62).

Sem dúvida, essa graça insigne de contrição foi comprada pelas preces de Nossa Senhora: podemos dizer que Maria sustentou a Igreja naquele momento, como hoje sustenta o Papado.

Alicerçada sobre o sangue dos mártires

É difícil admitir que haja um olhar mais significativo para um Papa que o do Redentor supliciado. Na expressão sofredora de Jesus contempla-se em germe o triunfo da Ressurreição; ademais, a Morte de Nosso Senhor no madeiro comprou a imortalidade de sua Esposa – a Igreja –, fundada sobre a rocha que é Pedro.

Seguindo uma antiga tradição, o Sumo Pontífice revestia-se de um bellissimo calçado vermelho, significando que a Igreja se alicerça sobre o sangue dos mártires. Os passos de Cefas eram, pois, acolitados simbolicamente pelo testemunho daqueles

que, perseverando na Fé, foram oferecidos em sacrifício por Cristo.

De fato, o holocausto de Nosso Senhor é razão de incontáveis outros. Até mesmo em nossos dias, o sangue dos mártires renova-se continuamente. Sim, porque suplício talvez maior e mais injusto que o de morrer por ódio à Religião é o de ser martirizado pela fidelidade ao amor. Expliquemo-nos melhor. Com grande acerto, um célebre orador afirmou em certa ocasião: ser amado e não amar, é ser tirano; amar e não ser amado, é ser mártir.¹⁴

Exemplo desse martírio de alma podemos encontrar no justo Jó, que perseverou em sua inocente retidão, resistindo impassível aos lancinantes sofrimentos que a Providência permitiu ao demônio lhe infligir, sem o refrigério de qualquer consolação espiritual. Esse admirável personagem

bíblico também representa os varões que hoje sofrem pelo Corpo Místico, em união com sua Cabeça, Nosso Senhor Jesus Cristo, por puro devotamento à rocha inabalável do Papado.

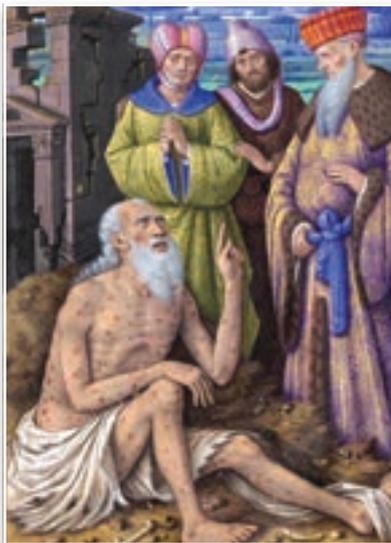
Uma gema inédita entregue ao Papado

Quicá, em determinado contexto histórico, Pedro tenha faltado ou venha a faltar com a reciprocidade de amor aos filhos que tanto o amam. Para isso não seria preciso nenhum gesto ostensivo; há certas formas de silêncio que confundem, há indiferenças e omissões que se enumeram entre os maiores atos de desamor. Se tal absurdo se verificasse, seria ocasião para dar à eleição e à autoridade de Cefas uma prova imensa de fidelidade, levada ao extremo. E um único motivo bastaria para explicar esse

amor tão inexplicável: simplesmente porque ele é Pedro.

Em união com os infinitos méritos do Redentor, resta inquirir quais frutos adviriam do sangue derramado com tanta generosidade. Deus não deixa de premiar quem se imola por Ele sem buscar recompensas: dia virá em que esses Jós serão exaltados por seu incontestado amor a Pedro, e seu sangue brilhará qual gema preciosíssima e inédita na instituição do Papado, como a indagar: “Pedro, tu me amas?”

Nada é em vão. As aparições da Cova da Iria e a promessa incondicional de Nossa Senhora de Fátima adquirem um brilho especial quando aplicadas ao Papado: “Por fim, o meu Imaculado Coração triunfará”. Trata-se da vitória do amor de Maria, que abre uma nova era de fé para o mundo e para a Santa Igreja. ✧



Reprodução

As defecções de Pedro ao longo dos séculos não seriam reparadas por Jós que sofrem desinteressadamente pela Igreja?

À esquerda, Jó visitado pelos amigos - “Grandes Horas de Ana da Bretanha”; à direita, “Negação de São Pedro” - Museu de Belas Artes, Córdoba (Espanha)



Francisco Lecaros

¹ LEÃO XIII. *Satis cognitum*: DH 3308.

² Cf. CONCÍLIO VATICANO I. *Pastor aeternus*: DH 3055.

³ Cf. LEÃO XIII, op. cit., 3309.

⁴ Cf. BONIFÁCIO I. *Carta “Institutio”, aos Bispos da Tessália*: DH 233; *Carta “Magnet beatum”, a Rufo e aos outros Bispos da Macedônia*:

DH 234; BONIFÁCIO VIII. *Unam sanctam*: DH 875.

⁵ Cf. CONCÍLIO VATICANO II. *Lumen gentium*, n.18: DH 4142.

⁶ Cf. Idem, n.14, 4137.

⁷ Cf. SANTO INÁCIO DE ANTIÓQUIA. *Lettre aux Romains*: SC 10, 107.

⁸ Cf. CONCÍLIO VATICANO I, op. cit., 3056-3058.

⁹ CLÁ DIAS, EP, João Scognamiglio. *O inédito sobre os Evangelhos*. Città del Vaticano-São Paulo: LEV; *Lumen Sapientiae*, 2013, v.VII, p.125-126.

¹⁰ Cf. BENTO XVI. *Deus caritas est*, n.1.

¹¹ Cf. INOCÊNCIO X. *Decreto do Santo Ofício*, 24/1/1647: DH 1999.

¹² SÃO TOMÁS DE AQUINO. *Suma Teológica*. II-II, q.4, a.3.

¹³ SANTA FAUSTINA KOWALSKA. *Diário. La Divina Misericórdia em mi alma*. Stockbridge: Marian Press, 2010, p.600.

¹⁴ Cf. VIEIRA, Antônio. *Sermão da primeira sexta-feira da Quaresma*. In: *Obra Completa*. São Paulo: Loyola, 2015, t.II, v.II, p.154.

Amor sempre crescente pela Igreja



Sérgio Hollmann

Alegoria da Igreja - Catedral de Estrasburgo (França)

Para Dr. Plínio, a Igreja se afigurava como uma alma imensa, uma pessoa que reunia em si mil grandezas, santidades e perfeições

Já na infância, sem conhecer o nome e o fenômeno, devido à tenra idade, Dr. Plínio realizou um autêntico matrimônio espiritual com a Santa Igreja, entregando-se sem limites e unindo-se a ela com laços eternos.

Mons. João Scognamiglio Clá Dias, EP

Para conhecer a Igreja em todo o seu fulgor, é preciso, em certo momento, sentir no íntimo da alma o que ela é. E o Autor utiliza o termo sentir, porque, de fato, dir-se-ia ser um gosto místico, um ouvir, ver, respirar e, inclusive, quase apalpar a Igreja... Sem uma luz do Espírito Santo tudo se reduz a um teorema de matemática que poderá servir de base a longas conferências ou grossos livros teóricos, nos quais se deitará apenas a inteligência, mas não o coração.

Recorramos a uma metáfora, a fim de bem entender a diferença existente entre o conhecimento intelectual e o experimental, ou seja, proveniente de uma graça mística: suponhamos que alguém nunca houvesse comido uma determinada fruta, por exemplo, o mangostão. Descrevem-na como uma fruta de tamanho médio, com casca rude, cor de beterraba, que uma vez aberta tem no seu interior gomos de um branco níveo, cujo sabor aveludado se assemelha com o da cereja misturada com o mel. Todavia, para essa pessoa não basta a definição abstrativa: ser-lhe-á preciso tomar um mangostão nas mãos, pôr a polpa nos lábios e provar... Aí sim, em função

dos sentidos, em sua mente configurar-se-á uma síntese de tudo: casca, cor e sabor, e ela logo tirará suas conclusões e estabelecerá um juízo.

“A Igreja me parece uma alma imensa...”

Com Dr. Plínio Corrêa de Oliveira este fenômeno sobrenatural, à maneira de um contato direto com a Santa Igreja Católica Apostólica Romana, tocou de tal modo a sensibilidade, ainda na infância, que ele chegava a considerá-la como uma pessoa. Figura mística que ele, evidentemente, criava para bem explicar aos demais o que se passava no fundo de seu coração:

“Vendo todos esses aspectos da Igreja, vinha-me às vezes uma impressão curiosa. Eu dizia: ‘A Igreja parece uma pessoa. Não parece uma instituição, mas uma alma imensa, que se manifesta de mil formas, que tem movimentos, grandezas, santidades, perfeições; como se fosse uma só alma, que se exprimiu através de todas as igrejas católicas do mundo, de todas as imagens, de todas as Liturgias, de todos os toques de órgão, de todos os dobrares de sino... Essa alma chorou com os réquiens, ela se alegrou com os bimbalhães dos

Sábados de Aleluia e das noites de Natal; ela chora comigo, se alegra comigo. Eu mais vejo na Igreja uma alma do que uma instituição”.

No trecho seguinte Dr. Plínio mostra-se mais profuso na descrição:

“O que eu vou dizer é naturalmente o Divino Espírito Santo, mas quando se é pequeno não se diferencia bem: ficava-me a ideia de que a Igreja era uma instituição viva, com um espírito próprio, [...] andando e reagindo como se fosse uma pessoa ao longo da História, com todas as misericórdias da mãe, paciências da mãe, dignidades da mãe, *savoir-faire* da mãe, jeitos da mãe; é uma Igreja Mãe! [...] A Mãe mais aconchegada, mais íntima, mais bondosa, mais ‘perdoante’ que se possa imaginar; mas também a Rainha mais digna de louvor que se possa imaginar, e a guerreira virginal, *à la* Santa Joana d’Arc, capaz de todas as vitórias, sem perder a delicadeza feminina, com efetiva força, sobrepujando todos os marchais, inspiradora de todos os heróis!”

A partir de então nasceu nele um amor sempre crescente... Amor de devoção, de maneira que durante toda a vida a Igreja foi sua paixão mais entranhada; amor puríssimo, inteiramente desapegado; amor de escravidão que, entretanto, não o oprimia, mas lhe trazia liberdade; um tal amor, que era quase uma adoração pela Igreja. Acontecesse o que acontecesse, ele estava disposto a servi-la!

“A Igreja Católica é para mim mais do que meu pai, mais do que minha mãe, mais do que minha vida, mais do que tudo que eu possa ter; a Igreja Católica, eu a amo com um amor tal que tem laivos de adoração! Porque ela é o Corpo Místico de Nosso Senhor Jesus Cristo!”

Um místico conúbio com a Santa Igreja

Dr. Plínio vinha sendo trabalhado desde o seu nascimento, ou quiçá antes, por uma graça que o conduzia a

efetuar um desponsório místico com a Santa Igreja. Fenômeno singular, pois essa aliança sobrenatural quase sempre se verifica entre a alma e Deus, apresentando-se este, a maioria das vezes, sob os traços da humanidade santíssima do Salvador.¹

Dr. Plínio é um dos poucos na História a fazer um conúbio com a Igreja. Já na infância, sem conhecer o nome e o fenômeno, devido à tenra idade, ele realizou esse matrimônio espiritual de uma profundidade inimaginável, entregando-se sem limites e unindo-se a ela com laços eternos.² Eis suas palavras:

“Como eu gosto dessa alma! Tenho a impressão de que minha alma é uma pequena ressonância ou uma pequena repetição dela! [...] Tudo de que gosto é como essa alma. E essa alma é como tudo de que gosto. Só gosto dessa alma. E das outras coisas não gosto, pois nada valem. Sei que isso à maneira de alma não é uma alma, mas é o ideal de minha vida [...]. Algo faz sentir-me um pouco como uma gota d’água espelhando o sol. Sou a gota d’água, ali está o sol, mas olhando para a gota podemos ver refletido o sol inteiro. À maneira de miniatura e de reflexo, não substancialmente, conteúdo inteira essa alma”.

Aqui é abordado um ponto pouco comentado, mas riquíssimo, misterioso e pinacular dentro da Igreja, que o Autor julga ter sido o “hífen neural”

Assim como em uma gota d’água pode-se ver refletido o sol inteiro, assim Dr. Plínio percebia em si o reflexo da Santa Igreja

Sol refletido em gotas de orvalho

pelo qual Dr. Plínio se identificou com ela: uma visão excelsa de toda a criação, transmitida por Nosso Senhor Jesus Cristo, enquanto Cabeça, à sua Esposa Mística. Essa visão, levada até suas últimas consequências, redonda na ligação desta mesma ordem do universo com o próprio Deus, Pai, Filho e Espírito Santo, dentro de quem tudo está e fora do qual nada existe.

Com efeito, Deus está presente em todas as coisas de vários modos: por essência, isto é, mantendo a cada instante o que criou; por potência, porque tudo está submetido a Ele, que tem poder de aniquilar qualquer criatura; e por presença, pois desde a eternidade tudo está sob seu olhar.³ No entanto, essa teoria das três presenças, que em geral se estuda nos textos dos teólogos, na Igreja encontra-se de forma viva!

A visão sacral a respeito da ordem do universo, transfundida pela Igreja na alma de Dr. Plínio, o definia inteira e profundamente, e deu consistência à sua vocação, pois antes mesmo de conhecer a doutrina sobre a Igreja Católica, a graça e tudo quanto depois veio a saber, ele amou a ordem com toda a força da alma porque intuía a correlação dela a Deus. A descrição a seguir é elucidativa a este respeito:

“Há uma coisa que se poderia chamar a espinha dorsal do meu pensamento e que traz consigo um amor graduado a tudo quanto é *verum*,



bonum e pulchrum – verdade, bondade e beleza. Este amor constitui o elemento fundamental através do qual eu me uno à Santa Igreja Católica. É porque eu conheci a Santa Igreja Católica como o foco dessa atitude de alma e aconselhando-a de todas as maneiras e a todo o propósito, que eu amei de tal maneira a Igreja. Mas é porque eu amei este princípio originariamente. Isto dá à alma muita ordem e também muito desapego. Pois com esta ordem vem o gosto de amar todas as coisas sem ser pela relação que elas têm comigo, mas pela relação que elas têm com Deus. É a prática do amor a Deus”.

Assim ele se desenvolveu numa fidelidade plena à aliança estabelecida desde o primeiro momento em que sentiu a consonância com a alma da Igreja. O trecho seguinte é uma profissão de fé e ao mesmo tempo uma confissão desse sentimento:

“A atitude de minha alma em todos os dias, em todos os minutos, em todos os instantes é procurar com os olhos a Igreja Católica, estar imbuído do espírito dela, tê-la dentro de minha alma, ter-me inteiro dentro dela, [...] viver só para ela, de tal maneira que eu possa dizer ao morrer: ‘Realmente, eu fui um varão católico e todo apostólico, romano, romano e romano!’ [...] Se querem me conhecer e me seguir, procurem ver de que maneira existe na minha alma o espírito da Igreja. [...] Como poderia este amor ser como é, sem que eu visse a Igreja de um determinado modo? Aquilo que se ama, ama-se porque se viu, ama-se porque se compreendeu, ama-se, enfim, porque se aderiu de toda a alma. Mas de um modo tal, que a palavra aderir é fraca; se entranhou, se penetrou, se deixou penetrar, se estabeleceu um conúbio de alma, tanto quanto a fraqueza humana o permite, indissolúvel e completo, para a vida e para a morte, para o tempo e para a eternidade! Essa é a nossa pertencença à Igreja Católica, e se pode dizer, de algum modo, o que São Paulo disse a respeito de Nosso Senhor Jesus Cristo:

‘Já não sou eu que vivo, é Cristo que vive em mim’ (Gal 2, 20)! Nós somos chamados a que isso se realize desta maneira: ‘Já não sou eu que vivo, mas é a Igreja Católica Apostólica Romana que vive em mim’”.

“Sem a Igreja Católica eu não teria sabedoria”

Em diversas conferências ao longo dos anos ele afirmou taxativamente ter tomado a Santa Igreja como modelo, numa postura de contínua obediência.

“Desde pequeno, olhando a Igreja Católica, e não só ela, mas aquilo que dela se derramou na sagrada Civilização Cristã, eu tomei tudo como certo, infalível, indiscutível, ponto por ponto, procurando fazer a indagação cada vez que não entendia uma coisa;

O enlevo de sua vida era contemplar a atuação da Igreja em todas as coisas: nos dogmas e leis, nas instituições, na celebração da Missa

e a pergunta era: ‘Qual o princípio de sabedoria que há por detrás? Preciso adivinhar e conhecer esse princípio de sabedoria’. [...] E este foi o enlevo de minha vida inteira: a Igreja enquanto atuando nos dogmas, nas leis, nas disciplinas, nas instituições, nas maiores como nas menores coisas, até na forma do paramento de um sacerdote”.

Se seus olhos pousavam, por exemplo, na celebração da Missa, ele analisava os gestos, o vagar com que o padre e os coroinhas se deslocavam no presbitério, as reverências que estes faziam rezando o *Confiteor*, as esplêndidas cores dos ornamentos... E se perguntava: “Quem inventou isso? Qual foi o homem que, pela primeira vez, determinou que na Missa deveria se fazer assim? Não foi um homem, foi a Igreja!” E de uma minúcia ele colhia uma compreensão densa, permitindo-lhe adentrar mais no espírito da Igreja. “Só depois vim a saber que a alma da Igreja Católica é o Espírito Santo. Ele, presente em todas aquelas manifestações, sugeriu aos homens da Igreja selecionar, ao longo dos séculos, aquelas maravilhas. Ele é que fez nascer na Igreja estes reflexos de Deus”.

Os encantos de Dr. Plínio não se restringiam a um ou outro aspecto da Igreja, mas tudo o que nela tocava era



Celebração da Santa Missa na Basílica de Nossa Senhora do Rosário, Caieiras (SP)

Leandro Souza

para ele divino, e não deixava de amar nada...

“Meu espírito ficou felizmente incapaz de funcionar a não ser em função de Nosso Senhor e da Igreja. Porque aquilo é um padrão segundo o qual tudo se julga bem. [...] Mas essa incapacidade, eu noto que é uma lucidez: percebo que não vejo, e que o pouco que vejo, vejo melhor olhando através daquilo; e que através daquilo eu vejo tudo!” “Foi assim que consegui ser fiel, foi assim que adquiri a sabedoria. Não foi por uma constituição de minha própria cabeça. Com que amor digo isto: foi aprendido da Igreja Católica, como um filho aprende nos braços de sua mãe. Sem a Igreja Católica este filho não teria sabedoria nenhuma. Tudo vem dela: vem a graça, vem o ensinamento, vem tudo!”

Uma vida marcada pela fidelidade à Igreja

O Autor viu Dr. Plínio comovido até às lágrimas só por duas razões na vida: em certos momentos, pela recordação de sua mãe, Dona Lucília, sobretudo logo após seu passamento; e em outros, a propósito da Santa Igreja. Destes, os três mais marcantes foram, sem dúvida, os seguintes: quando, em fins da década de 1950, ele se retirou num pequeno cômodo da casa onde costumava se reunir com seus seguidores, e chorou longa e copiosamente, prevendo pelo discernimento dos espíritos as difíceis situações pelas quais a Igreja teria de passar; na Semana Santa de 1966, falando mais uma vez sobre os sofrimentos dela; e, por fim, em 7 de junho de 1978, aniversário de seu Batismo, ao ouvir a referência a ele enquanto sendo filho e fruto da Santa Igreja, “*vir catholicus, et totus apostolicus, et ‘totissimus’ romanus*”.⁴ Esse elogio arrebatava o seu coração, porque era o que mais lhe poderia causar honra, alegria e glória!



Dr. Plínio oscula a imagem do Pescador, em 1988 - Basílica de São Pedro (Vaticano)

A graça de união de Dr. Plínio com a Igreja era tão robusta e irresistível, que em seu coração não sobrava espaço para mais nada

As palavras proferidas nesta última ocasião não contêm uma rigorosa descrição doutrinária sobre a Igreja, mas nelas se exprime a poesia de um varão que fala sob a ação do Espírito Santo, ao contemplar a Igreja de forma direta e profunda:

“Aquele Igreja a quem amo tanto, que fico até incapaz de falar sobre ela. E simplesmente ao lhe pronunciar o nome, eu já sou incapaz de dizer depois o mundo de elogios e de amor que em minha alma existe. [...]

Enquanto houver Igreja na terra, a minha vida tem razão de ser. Se algum dia ela tivesse que morrer, eu morreria amando a ela, de um amor que, de algum modo, tem laivos de adoração. Mas quando eu a visse morrendo, eu morreria também, porque a vida já não seria mais nada. Os meus ossos se desligariam, toda a minha vida se desarticulava, porque o sol dela não estaria mais presente: a Santa Igreja Católica Apostólica Romana”.

Nessa circunstância ele procurou explicar o motivo daquele pranto. O Autor acredita que a forte emoção o tomou porque a graça de união com ela era tão robusta, autêntica e irresistível, que no coração dele não sobrava espaço para mais nada, como Santa Teresa de Jesus, cujo vivo amor a Deus levava-a a sentir a alma prisioneira no corpo. Tal foi o amor de Plínio Corrêa de Oliveira pela Igreja durante sua longa e luminosa vida, amor sempre crescente que se desdobrará em mil reluzimentos. ✧

Extraído, com pequenas adaptações, de: *O dom de sabedoria na mente, vida e obra de Plínio Corrêa de Oliveira*.
Città del Vaticano-São Paulo:
LEV;Lumen Sapientiae,
2016, v.I, p.211-222

¹ Cf. ROYO MARÍN, OP, Antonio. *Teología de la perfección cristiana*. Madrid: BAC, 2006, p.741; ARINTERO, OP, Juan González. *La evolución mística*. Madrid: BAC, 1952, p.481, nota 1.

² O elemento essencial do matrimônio místico é a união permanente e indissolúvel com Deus, que tem como princípio a simples posse do estado de graça (cf. ROYO MARÍN, op. cit., p.741-743).

³ Cf. SÃO TOMÁS DE AQUINO. *Suma Teológica*. I, q.8, a.3.

⁴ Do latim: “varão católico, todo apostólico, plenamente romano”.

SANTA VALBURGA

Alma sempre fiel à vontade divina

Valburga deixou sua pátria para dedicar-se à expansão da Igreja em outras terras, e ainda hoje continua a reluzir por suas virtudes e milagres.



✠ Ir. Allana Neves Colati, EP



Não é sem razão que muitas vezes se denominou a Inglaterra com o apelativo *Ilha dos Santos*. De fato, desde os primeiros tempos de sua evangelização, inúmeros foram os Santos que nasceram nessas regiões setentrionais.

Com frequência, destacaram-se eles por seu ardor missionário, o qual não se restringiu às Ilhas Britânicas. O Espírito Santo os conduziu a ou-

tros recantos da Europa, continente onde a Igreja haveria de deitar profundas raízes.

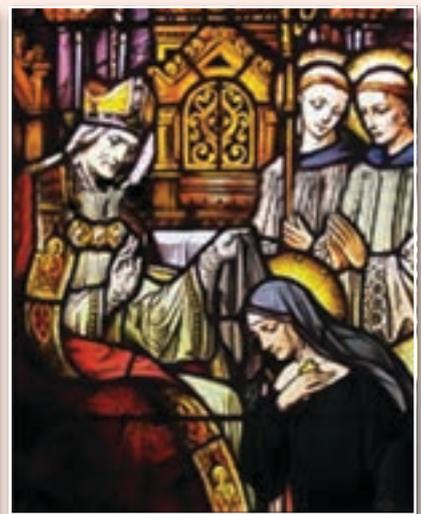
Santa Valburga foi uma dessas almas: por amor a Cristo, ela abandonou seu país natal e dedicou-se à conversão dos pagãos em terras germânicas.

Nascida em nobre e santo berço

Filha mais nova de São Ricardo, rei da Saxônia, e de Viana, irmã de

São Bonifácio, ela nasceu em 710, na Inglaterra. Teve ainda dois irmãos, Vilibaldo e Vinebaldo, também canonizados pela Igreja.

Sua infância transcorreu na abandonada casa paterna, onde recebeu esmerada educação, até o momento em que sua família partiu em peregrinação à Itália e à Terra Santa. Valburga foi então confiada aos cuidados das monjas da Abadia de Winburn, em Dorsetshire.



No alto, Santa Valburga - Igreja de São Lourenço, Wœrth (França); nesta página e na próxima, vitrais representando cenas da vida da Santa - Mosteiro de Santa Ema, Greensburg (Estados Unidos)

A viagem dos pais foi apenas um pretexto da Providência para que a menina abrisse seus olhos para a vocação religiosa já em tenra idade. Tendo vivido por vários anos em Winburn, ali ela aprendeu diversos trabalhos manuais e recebeu aulas de Língua Latina, idioma que usou mais tarde para escrever a história de seus santos irmãos. Entretanto, sua principal ocupação na vida comunitária consistia em cantar as glórias de Deus e dedicar-se à oração, para o que muito concorria seu aguçado espírito contemplativo.

Formada na escola da santidade

Valburga herdara dos pais o temperamento próprio a uma nobre donzela. Seu coração afetuoso, transbordante de simpatia e bondade, tornavam-na de agradável convivência. Era inclinada a compadecer-se das fraquezas alheias e se valia da amabilidade como meio para auxiliar o próximo.

Contudo, tais qualidades facilmente poderiam se deturpar no contato com o mundo, transformando-se em capricho e indulgência para com o mal, por ignorar seus perigos e ardis. Almas assim, se não corrigidas, impacientam-se com as repreensões

e se afligem com as pequenas cruces e adversidades do dia a dia.

A vida conventual, porém, fornecia-lhe todos os elementos necessários para a reta formação de seu caráter, dando-lhe força e consistência, e ela soube aproveitar-se disso durante os vinte e oito anos em que esteve sob a disciplina monástica. As correções e as provas interiores, a oração e o silêncio, o peso da rotina e a estabilidade a que se habituara nesses longos anos forjaram seu espírito para a missão a que seria convocada em terras distantes.

Os ventos e águas ouviram a sua voz

Por essa época, São Bonifácio, seu tio, trabalhava incansavelmente na

A vida conventual forneceu-lhe todos os elementos necessários para a reta formação de seu caráter, forjando seu espírito para futuras missões

evangelização da atual Alemanha. Ele percebera quão preciosos frutos poderia essa terra dar à Santa Igreja e resolveu pedir à superiora do Mosteiro de Winburn que enviasse freiras para ajudá-lo no apostolado. Foram nomeadas Valburga, Lioba, Tecla e mais trinta religiosas.

Narra a História que, ao saírem do porto, uma terrível tempestade se desencadeou. O naufrágio parecia certo. O pânico apoderou-se de todos, e até os mais experientes marujos julgavam que não conseguiriam escapar com vida.

Valburga, contudo, pôs-se a rezar e logo em seguida ordenou aos elementos da natureza que se acalmassem. “Os ventos e as águas ouviram a voz de Deus, que falava por meio de sua serva, e obedeceram. Seguiu-se então uma milagrosa calma, como se a paz e a doçura que habitavam no interior dela tivessem sido derramadas como óleo sobre o mar”.¹ Graças ao milagre, em pouco tempo lograram chegar ao continente.

Abadessa em Heidenheim

As religiosas foram recebidas com alegria pelo Arcebispo São Bonifácio e por São Vilibaldo, irmão de Valburga e Bispo de Eichstätt, que ouviram



Da esquerda para a direita: seus familiares partem em peregrinação, entrada no Mosteiro de Winburn, sua profissão religiosa, durante a tempestade no mar, sendo recebida por seus irmãos, cuidando dos doentes

com admiração o prodígio acontecido durante a viagem.

Cumpria iniciar a missão para a qual haviam sido convocadas. A Santa Tecla e Santa Lioba coube o governo de mosteiros em outras partes da Alemanha, enquanto Valburga permaneceu na comunidade recém-fundada em Heidenheim, onde existiam, separadas, casas masculina e feminina. Ali seu outro irmão, São Vinebaldo, era o abade dos monges, e ela seria a superiora das freiras. Era o ano de 752.

A evangelização de Heidenheim acarretou-lhes muito trabalho. Os nativos viram com desconfiança esse novo exército de homens que, com machados nas mãos, derrubavam árvores que tinham por sagradas. Entretanto, tão logo perceberam os benefícios trazidos pelo ensino e pela técnica agrícola dos religiosos, acabaram por dedicar-lhes verdadeira admiração. Aos poucos, os mosteiros foram se enchendo de germanos convertidos, e os nobres da região, em apoio ao labor desses servos de Deus, forneciam-lhes mais e mais terras.

Por volta do ano de 761, Vinebaldo, já enfraquecido pela idade e pelas enfermidades, rendeu sua alma a Deus. Com seu falecimento, os monges ficaram sem abade. Assim, o Bispo Vilibaldo nomeou Valburga como superiora também dos religiosos.

Bondade materna e mestra exímia

Valburga viveu ainda dezesseis anos após a morte de seu amado irmão. Se o cuidado das religiosas já lhe tornou digna da afeição de suas subalternas pela dedicação, ternura e espírito de sacrifício que demonstrava, a direção dos religiosos só fez acrisolar sua santidade. Era tida como uma mãe por todos.

Poucos dados bibliográficos nos chegaram desses anos, mas datam da



São Vilibaldo e Santa Valburga, por Lucas Cranach, o Velho - Neue Residenz, Bamberg (Alemanha)

*Junto a seus irmãos,
Santa Valburga
se dedicaria à
evangelização de
Heidenheim e
à conversão do
povo germânico*

época alguns milagres que ela realizou.

Em uma ocasião, já tarde da noite, ela se dirigiu até a casa de um importante nobre da região, cuja filha pequena agonizava. A abadessa permaneceu a distância da entrada da residência, envolta pelas sombras, sem se identificar. O nobre era caçador e possuía cães ferozes que, famintos, ameaçavam a misteriosa visitante. Temendo que lhe acontecesse algo, perguntou ele em alta voz quem era

e o que queria. Recebeu como resposta que não devia temer, pois os cães não tocariam em Valburga. Aquele que a trouxera sã e salva até ali, a levaria de volta para casa.

Quando ouviu o nome da abadessa, o nobre sentiu sua esperança reacender a respeito da filha e a convidou para entrar. Valburga ajoelhou-se e permaneceu em oração ao lado da cama da menina em agonia, durante toda a noite. Na manhã seguinte, a criança acordou em perfeita disposição! Deus lhe devolvera a saúde, graças à intercessão da religiosa. Cheia de gratidão e maravilhada pelo grande milagre, a família ofereceu-lhe valiosos presentes, os quais ela recusou, retornando a pé ao mosteiro.

Por fim, tendo sido uma mãe e uma irmã na Fé para todos os seus subalternos, sobre os quais exerceu suave autoridade, adentrou ela na morada celeste por volta do ano de 777. São Vilibaldo enterrou seu corpo no próprio mosteiro, junto ao de Vinebaldo.

Surpresa ao transportarem suas relíquias

Aproximadamente sessenta anos após sua morte, o mosteiro de Heidenheim estava muito deteriorado e precisando de reparos. Otgar, então Bispo de Eichstätt, decidiu empreender uma reforma. Durante os trabalhos, contudo, a sepultura onde estava o corpo da falecida abadessa foi pisada e profanada, pela falta de cuidado dos operários.

Naquela mesma noite, ela apareceu em visão ao prelado e perguntou-lhe severamente por que seu túmulo havia sido desonrado. “Fica sabendo que terás um sinal de que não agiste bem comigo nem com a casa de Deus”,² advertiu-o.

Ao amanhecer, um monge de Heidenheim trouxe a notícia de que uma parte do teto restaurado ha-

via desabado! Vendo que a ameaça se realizara, o Bispo reuniu o clero local, dirigiu-se até a sepultura da Santa e ali realizou uma cerimônia de reparação. Depois trasladou em solene procissão, ao toque de sinos e ao som de cânticos, as relíquias de Valburga para Eichstätt, cidade da Baviera onde repousam até hoje.

Quando puderam tocar os ossos da preclara abadessa, tiveram uma grande surpresa: estavam umedecidos com um perfumado e puríssimo óleo. Os sacerdotes recolheram uma pequena porção do precioso líquido e resolveram levá-lo em procissão até a cidade de Monheim, onde havia um mosteiro. A partir daí os milagres se sucederam. Já no trajeto, um menino epilético aproximou-se do andor que portava o óleo e ficou curado. Um doce e agradabilíssimo odor imediatamente emanou, comprovando a autenticidade sobrenatural do ocorrido.

Em Eichstätt, o mosteiro que recebeu suas relíquias passou a se chamar Abadia de Santa Valburga, tornando-se local de frequentes peregrinações. No ano de 870, o Papa Adriano II a canonizou solenemente.

O óleo de Santa Valburga

Desde o dia em que os restos mortais da abadessa foram transferidos para o mosteiro de Eichstätt, o denominado *óleo de Santa Valburga* deles exsuda em períodos regulares, normalmente na festa de São Marcos

e na comemoração da transladação de seu corpo, em 25 de fevereiro. Pequenas gotas do miraculoso líquido brotam de um orifício feito na sepultura para canalizar a destilação, as quais são recolhidas em uma vasilha de prata e depois distribuídas para os fiéis.

Há também relatos de que, se usado por alguém com irreverência ou tratado desrespeitosamente, o óleo se evapora. Ademais, quando um recipiente não é posto de imediato a fim de recolher o líquido, as gotas permanecem pendentes, como as uvas no cacho ou o mel em um favo, recusando-se a escorrer.

Mas os prodígios não ficaram restritos aos anos seguintes à morte de Santa Valburga e à transladação de seu corpo. Conta-se que no século XIX, depois de ter usado com fé e devoção o santo óleo, um habitante de Eichstätt, chamado Müller, recuperou a visão, que estava prestes a perder. Cheio de gratidão, após a cura o homem não permitia que nenhum cego passasse à sua porta sem ser favorecido com alguma esmola.

Ainda hoje reluz pelo brilho de suas virtudes!

Talvez um dos mais belos aspectos da Igreja seja a variedade de Santos, como afirma São Paulo: “A uns Ele constituiu Apóstolos; a outros, profetas; a outros, Evangelistas, pastores, doutores, para o aperfeiçoamento dos

cristãos, para o desempenho da tarefa que visa à construção do Corpo de Cristo” (Ef 4, 11-12).

Da clausura de um mosteiro, Santa Valburga foi capaz de marcar a História da Igreja, ornando com nobres virtudes a vida religiosa, atraindo almas para a santidade e concorrendo para arrancar do paganismo e da barbárie o povo germânico. Sua vida, transcorrida talvez em uma aparente normalidade, foi certamente acompanhada com atenção por Maria Santíssima e pelos Anjos. Cada ato de correspondência à graça significava um avanço da Igreja na vitória contra o mal naquelas terras e um novo esplendor para a civilização que ali germinaria. E ainda hoje, a santa abadessa continua a atender, auxiliar e curar quem a ela recorra com fé e devoção.

Desse modo Santa Valburga nos ensina que para atingir a santidade não são necessários grandes feitos, mas sim uma inteira conformidade com a vontade divina. Peçamos a ela que interceda por nós junto a Nossa Senhora e ao trono da Santíssima Trindade para que cumpramos plenamente a vocação à qual somos chamados. ✧

¹ SÃO JOHN HENRY NEWMAN. *The Family of St. Richard, the Saxon*. London: Gilbert and Rivington, 1844, p.82.

² Idem, p.90-91.

Da clausura do mosteiro, ela marcou a História, ornando com suas virtudes a vida religiosa e atraindo as almas para a santidade



Sepulcro de Santa Valburga no Mosteiro de Heidenheim (Alemanha)

Joachim Schäfer (CC-by-sa 4.0)

Santa mesmo no exílio, imortal apesar do cisma

Dois mil anos transcorreram desde a fundação da Igreja. Nesse ínterim, foi ela alvo de ataques incessantes do poder das trevas e, não obstante, permanece de pé. Haverá ainda lugar para duvidar de sua imortalidade?



✎ **Marcus Shing Yum Yip**

Conta-se a respeito do Cardeal Ercole Consalvi que, em conversa com um adversário da Religião Católica, teria indagado em tom jocoso: “Como achas que podes destruir a Igreja se nem nós, cardeais, conseguimos?...”

Histórica ou não, a frase encerra um significado profundo. Dois mil anos transcorreram desde a fundação da Igreja por Nosso Senhor Jesus Cristo. Nesse ínterim, foi ela vítima não só de ataques incessantes dos inimigos exteriores, mas também da fraqueza espiritual – quando não, com todo o respeito, da devassidão moral ou da venalidade – de seu elemento humano e, não obstante, permanece inabalável.

Quiçá o maior atestado de sua imortalidade e caráter divino não con-

sista no fato de ter sobrevivido às perseguições romanas, às invasões bárbaras ou às guerras de religião... mas às defecções de seus próprios membros. Basta abrir qualquer livro de História Eclesiástica para persuadir-se profundamente disso; os exemplos pululam em todas as épocas e lugares. Por brevidade, escolhamos apenas um deles, dado em meados do século XIV. A tragédia iniciou-se na França...

Adeus, Roma?

Na abertura do segundo milênio da era cristã, sérias desavenças entre o poder religioso e o civil se acentuaram. A questão das investidas gerou uma disputa a propósito de quais eram os limites de jurisdição entre um e outro, querela que cresceu até tomar proporções clamorosas. Estas desem-

bocaram em acontecimentos como o do dia 7 de setembro de 1303, data em que o rei da França – Felipe, o Belo – enviou tropas para ameaçarem o Papa Bonifácio VIII, chegando um dos soldados a dar-lhe uma bofetada no rosto, no episódio que ficou conhecido como o atentado de Anagni.

Não muito depois o novo Papa, Clemente V, julgou ser seu dever remediar a dissensão fazendo duas sérias concessões: coroou-se em Lyon e nomeou nove Cardeais, todos franceses. Ademais, instalou-se – ao menos provisoriamente – em Avignon, enquanto não se solucionavam as desavenças com os capetos. Mas o Pontífice durou menos que sua moradia temporária, e a fase que ele inaugurou parecia ter vindo para ficar. Iniciava-se o exílio de Avignon.

Em meio a tantas dissensões, o pontífice trasladou-se para Avignon, onde permaneceu em exílio

Palácio dos Papas - Avignon (França)



A Cristandade estava dividida de alto a baixo: iniciava-se o Grande Cisma do Ocidente

À esquerda, o antipapa Clemente VII - Palácio dos Papas, Avignon (França); no centro, o Papa Urbano VI - Basílica de São Paulo Extramuros, Roma; à direita, o antipapa Alexandre V

Dos sete Papas desse período – incluindo Clemente V –, todos foram franceses... Nenhum deles chegou a renunciar totalmente à ideia de regresso a Roma, mas a situação na capital do mundo cristão não lhes encorajava a isso.

Estaria o Papado seguro na Península Italiana? Ali as divisões políticas cresciam, e dentro das cidades os partidos guerreavam entre si. No meio da tensão geral, quicá só um sentimento unisse os italianos: a aversão pela dominação estrangeira. Ora, não somente os Papas de Avignon tinham nacionalidade francesa, mas quase todo o Sacro Colégio! Por outro lado, não parecia que na França o Papa pudesse encontrar sossego, visto que emergia um conflito com os ingleses, princípio de uma guerra de cem anos...

O Papa deve voltar a Roma!

Nessa difícil situação, a voz de Deus não cessou de soar através de seus eleitos.

Santa Brígida da Suécia relatou ter ouvido o próprio Nosso Senhor Jesus Cristo condenar a cobiça, o orgulho e a devassidão da corte dos Papas franceses, e acusá-los de povoarem o inferno! Encontrando-se numa estadia em Roma com Urbano V – o sexto Papa do exílio – implorou-lhe que per-

manecesse na Cidade Eterna; porém, sem resultado.

Foi somente Santa Catarina de Sena que, após inúmeras dificuldades, por fim convenceu Gregório XI a retornar a sede papal ao seu devido lugar.

Um Papa em Roma e outro em Avignon... fracasso?

Graças a Deus, no ano de 1377 o Santo Padre encontrava-se em Roma... para falecer no ano seguinte. Complexa revelava-se a conjuntura para os Cardeais, pois a agitação popular pressionava o conclave a eleger um Papa romano. Foi escolhido Bartolomeu Prignano, não romano, mas italiano, que tomou o nome de Urbano VI.

Tudo parecia prometer a paz. Contudo, reformas imprudentes, somadas ao caráter rude e colérico do Sumo Pontífice, despertaram as antipatias dos purpurados. Em vão Santa Catarina o advertiu, rogando-lhe maior temperança. Cinco meses depois, treze Cardeais franceses alegaram ter votado invalidamente por coação e elegeram um antipapa, Clemente VII, que retornou a Avignon.

Estava iniciado o Grande Cisma do Ocidente, a maior cisão que até o momento conhecera o mundo católico; situação caótica, gerada por um

emaranhado de interesses humanos, que duraria quarenta anos.

Teria Catarina se enganado? Não estava a Igreja em melhores condições antes, no exílio, mas com uma cabeça, do que agora com duas? Era a via do aparente fracasso que Deus lhe pedia. E não só a ela. Com efeito, tais se revelavam as infidelidades daquela época que, para castigo dos homens, até entre os Santos a Providência permitiu divergência de opiniões.

Com os Papas romanos, Santa Catarina de Sena, Santa Catarina da Suécia, o Beato Pedro de Aragão; com os papas avinhonenses, São Vicente Ferrer, Santa Coleta, o Beato Pedro de Luxemburgo. A morte de ambos os “papas” tampouco resolveu a controvérsia, pois cada partido elegeu o respectivo sucessor. Três décadas de tentativas harmonizadoras provaram-se inúteis. A Cristandade encontrava-se dividida de alto a baixo. Como encerrar este pesadelo?

Pior que dois papas

No ano de 1409, vinte e quatro Cardeais – quatorze de Roma e dez de Avignon – decidiram tomar uma atitude. Reunindo em Pisa um concílio, condenaram os dois pontífices e elegeram o grego Petros Filargo, Cardeal de Milão, que adotou o nome de

Alexandre V. Ora, aquela assembleia era completamente inválida, porque não havia sido convocada por um Papa... Longe de remediar o caso, o agravava: todos os pontífices – como se se pudesse falar em mais de um por vez, ao menos naquela época – recusavam-se a abdicar e havia não mais dois, mas três pretendentes ao Sólido Petriano! Gregório XII em Roma, Bento XIII em Avignon, e Alexandre V em Pisa.

Em fins de 1414, o sucessor da “sé de Pisa”, o antipapa João XXIII, convocou um concílio em Constança com vistas a solucionar finalmente a questão. Contudo, aquele ato era também ilegítimo. O que esperar dali? Um quarto pontífice?

Neste beco sem saída, Deus suscitou um homem providencial junto ao verdadeiro Papa, Gregório XII, a fim de encerrar o cisma: o Beato João Dominici, da Ordem dos Pregadores. Auxiliado em larga medida por uma série de situações que um ateu chamaria de “coincidências”, mas cuja causa o homem de fé bem sabe entrever, ele conseguiu solucionar a questão.

Restava Gregório XII, o Papa legítimo. Contudo, a situação interna da Igreja não lhe permitia continuar no poder. Era preciso que também ele renunciasse, para tornar a manobra aceitável a toda a Cristandade. Como fazer isso num concílio inválido, já que convocado por um antipapa, como era o de Constança? Tal ato justificaria as teses conciliaristas, contrárias à verdadeira Tradição. Entrou então em cena a habilidade diplomática do Cardeal Dominici, o qual tinha em mãos um documento de Gregório XII que reconvocava o concílio – tornando-o, portanto, oficial –, e



Saiko(CC by-sa 3.0)

A santidade crescente da Igreja verifica-se nos varões e damas que correspondem heroicamente à graça

Detalhe do Retábulo de Fiesole, por Fra Angélico - Galeria Nacional, Londres

outro em que declarava sua renúncia como Pontífice, pondo fim ao Grande Cisma sem prejuízo para a autoridade do Vigário de Cristo.¹

Por fim, a Igreja Católica Apostólica e ainda Romana – por incrível que pareça – voltou a ter um só Papa, Martinho V. A cisão havia terminado, embora não se pudesse dizer que a paz na Igreja estivesse de todo alcançada. A Renascença ia mar alto e a barca do Pescador passaria por novas tormentas... mas a Santa Sé nunca mais saiu de Roma.

De fato, a Igreja é indestrutível!

Só indestrutível?

Tal afirmação não parece uma conclusão lógica da narração dos acontecimentos que acabamos de recordar? Sim, lógica; entretanto, insuficiente. Não estaria de acordo com a grandeza de Nosso Senhor conceder a imortalidade a seu Corpo Místico, só para que ele cambaleasse como um moribundo até o fim dos tempos. Ser imortal não bastava, era preciso mais.

Em nossa profissão de fé, proclamamos: “Creio no Espírito Santo, na Santa Igreja Católica”. E assim pregou São Paulo: “Cristo amou a Igreja e Se entregou por ela, para santificá-

-la, [...] para apresentá-la a Si mesmo toda gloriosa, sem mácula, sem ruga, sem qualquer outro defeito semelhante, mas santa e irrepreensível” (Ef 5, 25-27).

A Igreja Católica é santa pela íntima união que possui com Jesus Cristo, seu Esposo, sua Cabeça e seu Salvador (cf. I Cor 12, 27; Ef 1, 22-23; 5, 23-32); santa porque recebeu d’Ele o encargo de continuar sua missão salvadora (cf. Jo 3, 17; 17, 18);² santa... em razão de seus membros: eis a questão polêmica! Não obstante, isto constitui uma certeza teológica.

Sendo o Espírito Santo como que a alma da Igreja, Ele a santifica continuamente, enviando sempre novos carismas e rejuvenescendo-a, até levá-la à perfeita união com Jesus Cristo.³ Ora, essa santidade crescente só pode constatar-se nos varões e damas que corresponderam heroicamente à graça. É a fidelidade deles que pesa na balança, o resto de nada vale. Podemos chamar de má uma macieira, por encontrar caídas debaixo de seus ramos algumas maçãs podres? Ajuizemos, pois, a árvore, não pelos elementos enfermos que deixaram de nutrir-se com a seiva divina do Paráclito, mas pelos frutos sadios.

Por que Deus permite esses desastres?

Entretanto, a perplexidade continua: por que permite Deus que a Santa Igreja passe por situações em que ela é atingida por uma voragem de desastres sucessivos, e das quais parece que não se reerguerá?

Antes de mais nada, não sejamos injustos, atribuindo só ao Criador uma responsabilidade que cabe principalmente a nós, homens. Com efeito, a misericórdia divina quis galardão-nos com o dom maravilhoso chamado livre-arbítrio, através do qual somos capazes de adquirir o mérito necessário para ir ao Céu. Ora, ou a liberdade é completa, ou não existe; se nossa capacidade de escolha estivesse limitada a apenas determinadas ações, jamais poderíamos dizer-nos realmente livres. Contudo, se malversamos esse privilégio a nós concedido, a culpa é nossa, não d'Ele.

Ademais, a existência do mal na Igreja parece, de certo modo, explicável como a existência dele no mundo. Por que o Senhor, tão bom, não acaba com toda imperfeição na face da terra? Responde-nos São Tomás de Aquino: “Deus não quer nem que as coisas más sejam feitas, nem que não sejam feitas; porém, quer permitir que sejam feitas. E isto é um bem”.⁴ Em outras palavras, a Providência tem misteriosos desígnios que ultrapassam nosso entendimento, mas são necessariamente bons, porque provêm da Suma Bondade. Quiçá só no Juízo Final, como explica o Catecismo,⁵ conheceremos plenamente os caminhos por onde, inclusive através dos dramas do mal e do pecado, terá Ele conduzido o mundo ao repouso definitivo, em vista do qual criou o Céu e a terra.

Destarte, é passada a tormenta que a Igreja se vê purificada de tudo quanto nela não deveria existir, permane-

cendo apenas o bom, belo e verdadeiro, para continuar a conduzir e guiar as civilizações em paz.

Não nos narram os Evangelhos que o primeiro Papa negou três vezes o Divino Mestre? O próprio Jesus rezara por ele – e, nele, por todos os Papas – pouco antes: “Simão, Simão, eis que Satanás vos reclamou para vos peneirar como trigo; mas Eu roguei por ti, para que a tua fé não desfaleça” (Lc 22, 31-32). Após a queda, a contrição de São Pedro trouxe-lhe uma glória ainda maior!

De igual maneira, apesar de tudo, a Igreja permanecerá imaculada até o fim dos tempos. Por piores que sejam as borrascas que a nau de Pedro terá que atravessar, esta certeza nunca poderá apagar-se em nosso espírito: “Todas as coisas concorrem para o bem daqueles que amam a Deus, daqueles que são os eleitos, segundo os seus desígnios” (Rm 8, 28). ✧

Reprodução



Por pior que seja a borrasca que a nau de Pedro venha a atravessar, a Igreja permanecerá sempre imaculada

“Cristo resgata São Pedro das águas”, por Lorenzo Veneziano - Museus Estatais de Berlim

¹ Para mais detalhes a respeito da atuação do Beato João Domínguez no concílio de Constança, conferir o artigo: CABALLERO BAZA, EP, Eduardo Miguel. Um homem providencial na solução do Grande Cis-

ma. In: *Arautos do Evangelho*. São Paulo. Ano XVI. N.186 (jun., 2017); p.16-21.

² Cf. LEÃO XIII. *Satis cognitum*, n.7; 22: ASS 28 (1895-1896), 712; 723.

³ Cf. CONCÍLIO VATICANO II. *Lumen gentium*, n.4.

⁴ SÃO TOMÁS DE AQUINO. *Suma Teológica*. I, q.19, a.9, ad 3. No corpo desta mesma questão, o Doutor Angélico

deixa bem claro que Deus não quer “de modo nenhum” o mal da culpa, isto é, o pecado. No entanto, continua sendo verdade que Ele o permite.

⁵ Cf. CCE 314.

As cartas de uma virgem sábia e prudente

Em seu amor apaixonado pela Santa Igreja, ela não receou dirigir-se a príncipes, governadores e clérigos de todo o escalão, a fim de cumprir a missão que recebera de Nosso Senhor.



✦ Angela Maria Tomé

Há algumas décadas vem-se evaporando o milenar hábito de redigir cartas. Desde a mais remota Antiguidade, escritas em papiros ou pergaminhos e até em tábuas de argila ou de pedra, esses instrumentos de comunicação sempre refletiram os hábitos, a educação, a mentalidade dos povos. As milenares estelas de pedra, lápides nas quais se escreviam as mensagens no Egito antigo, nos causariam hoje não pequenos problemas... Que espessura teria cada folha? Onde guardá-las? Como colecioná-las? E o carteiro? Levaria apenas uma por vez? Haveria um veículo especial para carregar seu malote?

Jamais esses dedicados mensageiros imaginariam que algum dia sua honrada tarefa seria substituída por tão eficazes quanto sem graça cabos de fibra ótica ou sinais de satélites. Como a vida humana, neste século XXI, está perdendo o sabor, não é? Onde ficaram os lacres com monogramas, os sinetes, os papéis acetinados e perfumados ou aqueles mais sérios, com pautas quase invíveis, em que uma bela caligrafia registrava as vicissitudes da vida, as saudades de uma pessoa ausente, os negócios a serem realizados, as novidades que enchem de alegria – ou de tristeza – a nossa existência? Foram-se. O tufão da cibernética os levou. E com eles, quanto da histó-

ria destes nossos dias cinzentos vai desaparecendo.

Por isso, causa-nos especial atração a leitura de certos epistolários, mais ainda quando seu conteúdo revela a santidade do remetente, sua missão específica nesta terra e as pessoas com as quais ele se debateu para cumpri-la e assim glorificar a Deus, ao mesmo tempo em que arrastava outros a assumirem também a seriedade do papel que lhes cabia no grande mosaico da história das almas.

Esse é o caso das cartas de Santa Catarina de Sena. Esta singular dama, a vigésima quarta dos vinte e cinco filhos de Tiago di Benincasa e Lapa dei Piagenti, nasce em 1347, na cidade de Siena, Itália, seu epônimo. Sua vida mística inicia-se aos seis anos, com uma visão de Nosso Senhor Jesus Cristo, ladeado pelos Apóstolos Pedro, Paulo e João. Aos sete anos faz secretamente voto de virgindade, o que a sustém mais tarde quando os pais querem encaminhá-la para o matrimônio. Nessa ocasião, ante as evasivas de Catarina e a insistência da família em apresentar-lhe pretendentes, ela corta seus longos cabelos e põe-se o véu de consagrada. Como punição, a mãe a incumbe de todas as tarefas da casa, o que para a Santa é mais uma ocasião de praticar a vida ascética a que se propunha.



Gustavo Kraij

Causa-nos especial atração a leitura de certos epistolários, sobretudo quando o conteúdo revela a santidade do remetente, sua missão nesta terra

Para esse fim, o pai se lhe figurava ser Nosso Senhor Jesus Cristo e a mãe, Nossa Senhora.

Afinal, seu progenitor recebe um sinal miraculoso e consente que a filha leve a vida de penitência que deseja. Mais tarde – por volta de seus quinze ou dezesseis anos – ela ingressa na Ordem Terceira de São Domingos, ou a Milícia de Jesus Cristo, como a denominou seu fundador. As *mantellate*, assim chamadas por se revestirem de um manto negro sobre vestes brancas, eram constituídas por viúvas ou leigas que viviam em suas próprias casas e se dedicavam a obras de caridade.

Nesse período, a existência de Catarina dividia-se entre austeros sacrifícios corporais e espirituais, e grandes graças místicas, dentre elas o sponsório com Nosso Senhor Jesus Cristo: “Eu, teu Criador e Salvador, te desposo na fé. Conservarás ilibada essa fé, até celebrares comigo no Céu as bodas eternas”.¹ Como penhor da promessa ela recebe também a graça de, por um certo período, ser mantida fisicamente apenas com a Eucaristia. Além disso, passa por uma “morte mística”, da qual retorna à vida para levar a cabo uma nova missão em prol da salvação dos homens.

As cartas

Havia alguns anos que Santa Catarina frequentava a Confraria dos Discípulos da Virgem Maria, formada por devotos que se reuniam no Hospital Santa Maria della Scala, onde ela prestava assistência aos doentes. Essa confraria era aberta a quem quisesse participar e dava-se a palavra a todos.

Em pouco tempo, os carismas de Catarina se revelam nessas reuniões, tornando-a uma espécie de diretora espiritual dos confrades. Sua fama de santidade vai-se impondo e se transforma em autoridade junto a alguns



Através de uma atividade epistolar abundante e produtiva, Catarina empreendeu uma importante incumbência recebida do Senhor

Santa Catarina de Sena, por Sano di Pietro - Museu Bonnefanten, Maastricht (Países Baixos)

dos frequentadores, os quais, movidos pela graça se tornam seus discípulos. Esta elevada amizade, toda espiritual, se revestia de intensa caridade a ponto de eles passarem a chamá-la de *mamma*, embora na época ela tivesse apenas vinte e quatro anos.

Depois de sua “ressurreição mística”, inflamada de amor divino, Catarina empreende a nova incumbência recebida de Nosso Senhor, através de uma atividade epistolar abundante e produtiva. Suas cartas – mais de trezentas e oitenta chegaram até nós! – giram em torno de três temáticas: o retorno do Papado a Roma; o incentivo de uma cruzada para a recuperação dos Lugares Santos; e, finalmente, uma necessária reforma da Igreja.

Causa entusiasmo ver o papel profético dessa mulher, cujas vistas e preocupações se voltam para um

panorama tão mais elevado que o comum às pessoas de seu sexo na época. Ela amou tão apaixonadamente a Santa Igreja que não receou dirigir-se a príncipes, governadores e clérigos de todo o escalão, tais como Cardeais e Papas. No final de sua vida, dirá: “Dei a vida pela Santa Igreja, e isso, creio, o fiz por uma graça excepcional que me concedeu o Senhor”.²

A dois Papas, um abade, dois clérigos...

Ao iniciar as missivas, a Santa sempre apresenta suas credenciais e declara o objetivo que tem em mente, como nesta que dirige ao Papa Gregório XI, então no exílio: “Em nome de Jesus Cristo crucificado e da amável Maria, reverendíssimo e muito querido pai, a vós escrevo no Precioso Sangue de Cristo vossa indigna, mísera e miserável filha Catarina, serva e escrava dos servos de Jesus Cristo, desejosa de vos ver como árvore frutífera, carregada de doces e saborosos frutos, e plantada em solo fértil, isto é, no solo do autoconhecimento, pois em caso contrário não produziria frutos”.³

As mensagens contidas em suas cartas são, quase sempre, extremamente severas e revelam uma reflexão anterior muito ponderada e completa. Quando é o caso, seus argumentos são cheios de compaixão, mas nunca escondem a face da sã doutrina. Usando-a como uma lança afiada com a qual encosta contra a parede qualquer um que a leia, ela oferece, ao mesmo tempo, seu afeto e respeito ao destinatário, caso dê ouvidos aos seus conselhos.

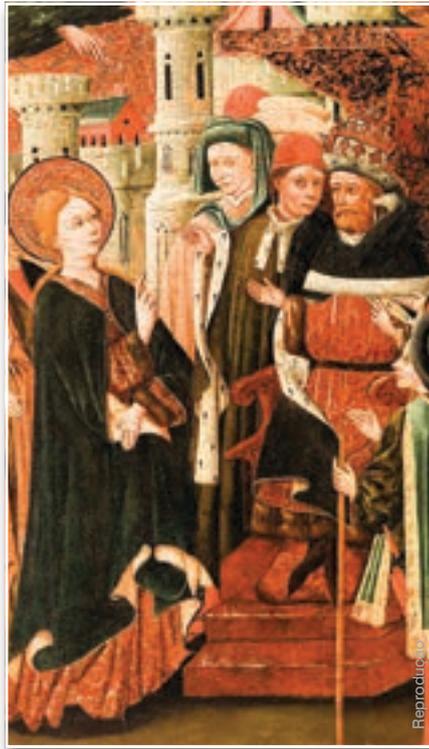
“No egoísta que ama a si mesmo está viva a perversa soberba, princípio e fonte de todo mal em qualquer situação [em que] se encontre, seja prelado, seja súdito. Tal pessoa age como a mulher que dá à luz filhos mortos. Exatamente assim, porque, não possuindo a vida que procede da

caridade, somente procura o próprio louvor, não o louvor de Deus”.⁴ Continua ela a mesma missiva a Gregório XI, exprobando o pastor ou o médico que, diante do erro de seu rebanho, usa simplesmente unguento, porque dessa forma não se compromete, não faz sofrer o enfermo e não tem aborrecimentos. E adverte: “Tais pessoas até gostariam de fazer algo, mas na paz; afirmo que assim usam da maior crueldade possível. De fato, se uma chaga precisa ser queimada com fogo e cortada com a faca, mas nela somente se usa unguento, essa chaga não apenas deixa de recuperar a saúde, mas apodrece inteira e a pessoa muitas vezes morre”.⁵

Esta censura feita a um Papa bem poderia resumir a vocação de denúncia profética da Santa sienense. “Meu venerável pai, pela bondade de Deus espero que apagueis em vós esse mal; que não ameis a vossa pessoa, o próximo e Deus por causa de vós mesmo, mas por causa de Deus, que é a Suprema e Eterna Bondade, e digno de ser amado. [...] Meu pai, doce Cristo na terra, imitai o bondoso Gregório (Magno), pois é possível a vós como o foi para ele”.⁶

Santa Catarina se exprime com inteira segurança, como que impondo sua vontade, de modo a deixar notar as palavras do Espírito Santo em sua pena: “É o que eu quero ver em vós. Se por acaso até agora não fostes bastante firme, quero e peço que se aproveite com fortaleza o tempo restante, como homem decidido, na imitação de Cristo, de quem sois o representante [...]. Ide adiante. Realizai com empenho esforçado e santo o projeto que começastes, o da Santa Cruzada. [...] Erguei o estandarte da Santa Cruz, porque no seu perfume encontrareis a paz”.⁷

Em uma carta a Guerardo de Puy, Abade de Marmoutier, escrita às vésperas do Grande Cisma do Ocidente – de 1377 a 1417 –, lemos: “Ai, ai! É pela falta de correção que os mem-



Suas cartas são, quase sempre, extremamente severas e revelam uma reflexão anterior muito ponderada

“Santa Catarina ante o Papa Gregório XI”, por Blasco de Grañén - Fundação Barnes, Filadélfia (Estados Unidos)

bro da Igreja apodrecem. De modo especial, Cristo olha os nefandos vícios da impureza, da avareza e do orgulho, reinantes na Esposa de Cristo. Falo dos prelados, que só cuidam de prazeres, posições sociais e riqueza. Tais prelados percebem que os demônios arrebataam as almas dos súditos, mas disso não se preocupam. Tornaram-se lobos e mercadores da graça. Seria preciso haver uma forte justiça para corrigi-los. A exagerada condescendência é uma crueldade enorme. Ocorreria corrigir com justiça e misericórdia”.⁸

Não menos forte é sua linguagem ao se dirigir a Urbano VI: “Se digo coisas que pareçam exageradas e mostrem presunção, que a dor e o amor me perdoem diante de Deus e de Vossa Santidade! Para qualquer lado que me volte, não encontro onde

repousar a cabeça. [...] Mas sobretudo na nossa cidade. O templo de Deus, que é lugar de oração, foi usado como covil de ladrões. Causa espanto que a terra não os tenha engolido. Tudo isso por defeito dos pastores, que não corrigiram os vícios mediante a palavra e o exemplo de vida”.⁹

Em uma expansão de alma, conta ao mesmo Papa um êxtase místico pelo qual passara: “Minha língua é incapaz de referir tantos mistérios, nem de dizer o que a inteligência viu e a vontade percebeu. [...] Entendi o que deveria fazer, isto é, oferecer-me em sacrifício pela Santa Igreja, para afastar a maldade e a negligência daqueles que Deus colocara em minhas mãos. [...] [Os demônios] batiam no meu corpo, mas o desejo aumentou e clamei: ‘Ó Deus eterno, recebe o sacrifício da minha vida pela Hierarquia da Santa Igreja. Não sei dar-Vos senão aquilo que me destes. Retira meu coração e espreme-o sobre a face da Esposa’”.¹⁰

Para dois clérigos que haviam se desentendido, Catarina lhes pede a reconciliação nestes termos: “Sede vós mesmos os intermediários entre vós e Deus, entre a sensualidade e a razão, expulsando o ódio (pelo próximo) com o ódio (por si mesmo) e o amor (por si mesmo) com o amor (pelo próximo). [...] Odiai o ódio ao próximo. [...] Desde agora o homem pode saborear a vida eterna, convivendo com Deus em diálogo de amor. Não é grande cegueira, por acaso, ser merecedor do inferno, vivendo com os demônios no ódio e no rancor? [...] Parece que pessoas assim nem querem esperar a sentença do Supremo Juiz de irem para a companhia dos demônios. Elas mesmas já pronunciaram a sentença. Antes de a alma deixar o corpo, durante esta vida, correm como o vento para a perdição eterna. Vão despreocupados, como loucos, em delírio...”¹¹

O encerramento das cartas

“Minha, filha, toma cuidado com os elogios dos homens. Nunca procures ser elogiada por alguma boa ação que praticares. A porta da eternidade não te seria aberta. E porque eu considero ótima aquela estrada (da vida consagrada), disse antes que desejava ver-te fiel esposa de Cristo crucificado. Peço e suplico que te esforces para o ser. Nada mais acrescento. Permanece no santo e doce amor de Deus. Jesus doce, Jesus amor”.¹²

À sua sobrinha Nanna, dirige Santa Catarina as palavras acima, repassadas de afeto, encerrando um belíssimo comentário sobre a parábola das dez virgens, do Evangelho de São Mateus. Muitos anos depois de sua morte, a Igreja escolheu para a antífona de entrada da Missa em sua memória essas mesmas palavras: “Esta é uma virgem sábia, uma das jovens prudentes, que foi ao encontro de Cristo com sua lâmpada acesa”,¹³ talvez referindo-se à inspirada carta que enviou a Nanna.

Os fechos das cartas dessa grande mística são sempre os mesmos: “Permaneei no santo e doce amor de Deus. Jesus doce, Jesus amor!”

Virgem prudente?

Ao ler o excepcional epistolário de Santa Catarina de Sena, perguntamo-nos se essa privilegiada alma não teria sido imprudente. E nos recordamos da classificação da virtude da prudência dada por Dr. Plínio Corrêa de Oliveira:

“[A prudência] contém quatro aspectos. O primeiro é extrínseco a ela, mas é a sua razão de ser: metas bem definidas. Os outros três elementos componentes são, antes de tudo, a observação meticulosa, minuciosa e atentíssima da realidade, nas suas menores dobras, para depois estudar as táticas a serem adotadas; o segundo é uma grande cautela – o que não significa medo, mas jeito e, às vezes, jeitinho – e o



“Entendi o que deveria fazer, isto é, oferecer-me em sacrifício pela Santa Igreja”

Santa Catarina de Sena - Real Mosteiro de São Domingos, Caleruega (Espanha)

terceiro é a habilidade. Entendi que a prudência era o caminho para todas as vitórias, pois é o adorno da coragem, como esta é o ornato dela. O arrojo canta enquanto a prudência sussurra! [...]

“Ela pronuncia palavras de amizade e de acautelamento, que silvam como setas. O olhar da prudência percorre os espaços e faz o recenseamento dos perigos e dos inimigos. [...] Como descobrir os pontos em que a consciência permite recuar, e aqueles em que a prudência permite avançar? ‘Avance, recue, contempore! Entre em cena quando deve! Saia da cena quando for preciso! Meça bem as suas palavras, para que cada uma delas seja uma pinguela segura, sobre a qual o arrojo tem de passar, guiado pelo Anjo da prudência!’ Ai da prudência sem arrojo! É frustração. Ai do arrojo sem prudência! É catástrofe. O arrojo temperado com a prudência e a prudência temperada com o arrojo dão o conjunto perfeito, cujo laurel final é a vitória”.¹⁴

Não é verdade que esses comentários se encaixam como luva na contemplação das cartas tão arrojadas quanto prudentes de Santa Catarina?

E encerramos esta reflexão indagando-nos: o que escreveria essa grande Santa aos eminentes personagens eclesiais e civis de nossos dias, mas também a cada um dos que estão lendo este artigo?

Não é difícil imaginar! ✧

¹ BEATO RAIMUNDO DE CÁPUA. *Santa Caterina da Siena. Legenda maior*. 5.ed. Siena: Cantagalli, 2005, p.116-117.

² Idem, p.319.

³ SANTA CATARINA DE SENA. *Carta 185*, n.1. Todas as citações literais das cartas transcritas neste artigo fo-

ram extraídas da obra: *Cartas completas*. São Paulo: Paulus, 2016.

⁴ Idem, n.2.

⁵ Idem, ibidem.

⁶ Idem, n.4.

⁷ Idem, n.6.

⁸ SANTA CATARINA DE SENA. *Carta 109*, n.5.

⁹ SANTA CATARINA DE SENA. *Carta 305*, n.5; 7.

¹⁰ SANTA CATARINA DE SENA. *Carta 371*, n.8.

¹¹ SANTA CATARINA DE SENA. *Carta 3*, n.2; 4.

¹² SANTA CATARINA DE SENA. *Carta 23*, n.5.

¹³ MEMÓRIA DE SANTA CATARINA DE SENA. Antífo-

na de entrada. In: MISSAL ROMANO. Tradução portuguesa da 2ª edição típica para o Brasil realizada e publicada pela CNBB com acréscimos aprovados pela Sé Apostólica. São Paulo: Paulus, 2015, p.574.

¹⁴ CORRÊA DE OLIVEIRA, Plínio. *Notas Autobiográficas*. São Paulo: Retornarei, 2012, v.III, p.90-91.



Viagem determinada pela dor

Apesar de seu estado, toda a sua atitude era de firmeza, estabilidade, continuidade e decisão diante do risco que viria. Ela não mudaria, mas avançaria em linha reta.

Mons. João Scognamiglio Clá Dias, EP

Lá estava, além-mar, o Velho Continente, a atrair todos os amantes da boa tradição e dos elevados costumes, que não eram poucos naquela “São Paulinho” da *Belle Époque*. Dona Lucília, figurava em primeira linha nessa matéria. Entretanto, não foi o encanto pela Europa a única nem a principal razão que determinou sua viagem até lá, no mês de junho de 1912.

Resignação ante os incômodos da doença

Acometida por penosa enfermidade, em virtude da formação de cálculos na vesícula biliar, necessitava encontrar solução definitiva para os males daí decorrentes.

De tempos em tempos era tomada por terrível mal-estar, em geral prenunciador de agudas dores que a obrigavam a se manter recolhida. Elas se manifestavam com progressiva frequência, pelo que lhe foi necessário submeter-se a severo regime alimentar. Ora, as dores de vesícula chegam a ser, às vezes, exasperantes, e naqueles idos tempos não existiam os recursos tão comuns em nossos dias... Apesar de tudo, jamais algum de seus familiares a viu em atitude de inconformidade, pois

seu temperamento era moldado pela resignação.

Tendo os achaques dessa enfermidade atingido em Dona Lucília seu paroxismo, temia-se muito uma crise que a conduzisse à morte. De fato, não eram raros naquela época os casos de óbito provocados pela moléstia. Por outro lado, embora se soubesse que, em situações extremas, não havia outro remédio a não ser extrair a vesícula, a Medicina ainda não havia encontrado um modo de o fazer sem sérios riscos de vida para o doente.

Havendo-se então difundido pelo mundo a boa-nova do êxito alcançado na Alemanha pelo Prof. Dr. August Karl Bier, médico particular do Kaiser, numa extração de vesícula biliar, a grande estima dos parentes de Dona Lucília por ela levou-os a não poupar esforços para fazê-la chegar até esse famoso especialista.

Entre os que a acompanhariam não figuravam apenas seu esposo, Dr. João Paulo, e filhos, mas também irmãos, cunhados e sobrinhos, e sobretudo sua mãe, Da. Gabriela. Um trem os levaria até Santos, de onde iriam de navio ao porto do Rio de Janeiro, para ali embarcar rumo à Eu-

ropa num transatlântico alemão, em 11 de junho de 1912.

“Fique tranquilo, meu filho...”

Durante a travessia marítima, Tito, um sobrinho surdo de nascença que possuía difícil temperamento, era exímio em aceitar o conselho que de muitos lados recebia: “Vai procurar tia Lucília, ela é a única que te sabe aquietar inteiramente”. Era ele uma das mais assíduas visitas de Dona Lucília, que sempre o recebia com ternura e paciência, não poupando esforços a fim de resolver os problemas da criança.

Devido a seus males, além de não saber controlar a voz, era incapaz de graduar o efeito de suas palavras ao dirigir-se a uma pessoa que se encontrasse em situação tão penosa como a de Dona Lucília. Faltava-lhe, pela pouca idade, o senso das circunstâncias e oportunidades, o que explica ter-lhe dito quase aos berros:

— Tia Lucília, estão dizendo que a senhora vai morrer. Eu não quero que a senhora morra!

Bem se pode imaginar qual seria a reação de qualquer pessoa em face desse trágico prognóstico: talvez pranto, desânimo ou outras reações

do gênero. Entretanto, essa não foi a conduta de Dona Lucília.

Logo se tomou de compaixão pelo sofrimento do menino, e dirigindo-se a ele, com semblante sereno e voz cheia de doçura, disse-lhe:

— Fique tranquilo, meu filho, não vou morrer...

No hospital da universidade do “Kaiser”

Depois de, sob tórrido clima, navegar pelos mares tropicais, o vapor entrou em águas europeias. Sem fazer escala, passou ao largo das costas portuguesa, espanhola e francesa, transpôs o agitado Canal da Mancha e penetrou nas brumas do Mar do Norte. Por fim, atracou no famoso porto de Hamburgo, cidade repleta de tradições medievais. A família não pôde demorar-se ali, devido ao estado de Dona Lucília. Tomaram em seguida um trem para Berlim, capital do Império Germânico, distante cerca de duzentos e noventa quilômetros.

A Dona Lucília não foi dado o prazer de prestar atenção nos diversos aspectos da cidade, apesar de, para ela, a observação dos ambientes constituir um dos lados mais interessantes da vida. Seus familiares rumaram para o belíssimo *Fürstenhof* – Hotel dos Príncipes –, próximo da estação de Potsdam. Ela, pelo contrário, teve de seguir diretamente para o hospital.

Dona Lucília seria operada, nos primeiros dias de julho, na Policlínica da Real Universidade de Frederico Guilherme, menina dos olhos do Kaiser. Da. Gabriela e Dr. João Paulo diariamente, após o café-da manhã, deixavam as crianças com a governante e iam estar com Dona Lucília no hospital. O quanto podiam, também os demais familiares iam vê-la.

Foi-nos possível colher a narração de uma dessas visitas, realizada pela mãe, esposo e filhos. Ao encontrar Dona Lucília deitada no leito, sua primeira impressão foi de verem uma estátua, mais do que um ser vivente:

os cabelos soltos, compridos e pretos, caindo por detrás do travesseiro, formavam uma cortina, os olhos voltados para o teto, absortos em cogitações, os braços estendidos ao longo do corpo.

Apesar de seu estado, toda a sua atitude era de firmeza, estabilidade, continuidade, decisão diante do risco que viria. Ela não mudaria, mas avançaria em linha reta. Era uma deliberação serena, inabalável e suave como



Havia grande expectativa quanto à intervenção cirúrgica, à qual não era alheia Dona Lucília. Seria ela bem-sucedida?

Acima, Dr. August Karl Bier, médico que operou Dona Lucília; na página anterior, esta bondosa senhora em Paris no ano de 1912

quem diz: “Tem de ser assim e o será; Deus proverá”.

Logo ao notar a presença dos seus, Dona Lucília procurou-lhes manifestar o carinho de sempre, mas com um fundo de gravidade e tristeza.

Operação bem-sucedida

Com relação ao ato cirúrgico, havia em toda a família uma grande expectativa, à qual não era alheia a própria Dona Lucília. Apesar de médico fa-

moso, Dr. Bier, até aquele momento, havia realizado uma única extração de vesícula, e esse tipo de operação era uma aventura à qual raramente um cirurgião se lançava. Acresciam-se a isso os relatos de mortes ou, quiçá pior, de sérias lesões pós-operatórias que deixavam o paciente quase inválido para o resto da vida. A técnica cirúrgica não havia ainda alcançado os aperfeiçoamentos de hoje, e mesmo a anestesia era bastante arriscada.

Como transcorreria a intervenção cirúrgica de Dona Lucília? Seria bem-sucedida? No dia marcado, depois de uma manhã cercada de incertezas, familiares receberam com enorme alívio a comunicação de ter sido Dr. Bier coroado de êxito.

Dona Lucília, não obstante a vida felizmente salva, ainda passaria por sofrimentos que só aos poucos cessariam. O pós-operatório foi doloroso e complicado, dada a falta de recursos da medicina de então. As dores e aflições pelas quais ela passou naqueles dias foram tais que lhe deixaram marcas para o resto da vida. Em menos de uma semana seus cabelos ganharam diversas mechas brancas.

Graças a seu espírito de resignação, encontrou ela um meio de conviver com a dor. Mantinha-se sempre deitada, evitando qualquer esforço físico, a fim de não serem gastas suas últimas resistências. A fisionomia denotava estar profundamente traumatizada, como a de alguém que tivesse enfrentado um “terremoto” interior. Entretanto, quando dela se aproximavam seus queridos filhos, recebia-os com indizível carinho. O sorriso e o afeto jamais estavam ausentes naquela maternal intimidade. Constituíam eles para a mãe – que se encontrava tão abalada – como janelas para o dia de amanhã. ✧

Extraído, com pequenas adaptações, de: *Dona Lucília*. Città del Vaticano-São Paulo: LEV; Lumen Sapientiae, 2013, p.123-130



Paseo La Galería (Asunción)

Concertos em louvor ao Menino-Deus

“G lória a Deus no mais alto dos Céus e na terra paz aos homens de boa vontade” (Lc 2, 14), cantaram os Anjos ao proclamar o nascimento de Jesus há dois mil anos. Nas vésperas do Natal de 2022, os Arautos do Evangelho também uniram suas vozes às dos espíritos celestes, para louvar o Menino-Deus. Não o fizeram, porém, apenas junto à manjedoura... Nesta edição destacamos alguns dos inúmeros concertos realizados pelos coros e orquestras da instituição, em diversas cidades do Brasil e do mundo.

Na Europa, os cânticos em honra a Jesus recém-nascido ecoaram na histórica Catedral de Toledo, Espanha, em presença de Dom Francisco Cerro Chaves, Arcebispo Metropolitano, e na Basílica de Nossa Senhora da Conceição, em Madri, junto a Dom Bernardito Cleopas Auza, Núncio Apostólico. Na vizinha nação lusa, os concertos ocorreram no Mosteiro do Jerônimos, em Lisboa, na Sé do Porto e na Igreja da Santa Cruz, em Braga.

Acordes de júbilo e vivacidade ressoaram também na África, no concerto realizado na Catedral Metro-

politana de Nossa Senhora da Conceição, em Maputo, Moçambique.

Passando para as Américas, as harmonias festivas do Natal se fizeram sentir no Fórum Majadas, na Guatemala, onde duas mil pessoas se reuniram para homenagear Jesus Menino juntamente com Dom Tulio Omar Pérez Rivera, Bispo Auxiliar; na cidade de Nuevo Cuscatlán, em El Salvador; na Casa Presidencial da Costa Rica, em presença do chefe da nação e da primeira-dama; bem como na Igreja de Nossa Senhora de Fátima, em Tocancipá, e no Oratório da Mãe do Bom Conselho, em Medellín, Colômbia. Diversas apresentações natalinas alegraram igualmente os corações no Paraguai: na Catedral de Santa Clara, em Villarica; no Santuário Nacional de Nossa Senhora dos Milagres, de Caacupé; no auditório do Shopping Paseo La Galería e na Câmara dos Senadores, em Asunción.

No Brasil, cabe destacar as apresentações musicais do coro e orquestra do setor feminino dos Arautos realizadas na Paróquia Maria Imaculada, na Capelania Militar Oratório do Soldado e na casa da instituição, em Brasília.



Brasília



Mosteiro dos Jerônimos (Portugal)



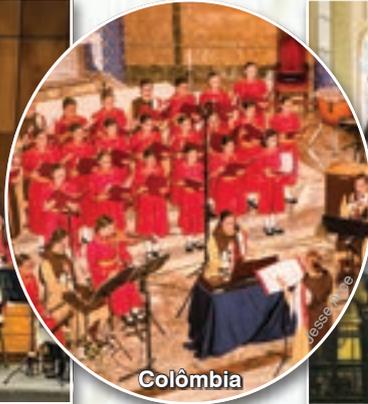
Braga (Portugal)



Toledo (Espanha)



Câmara dos Senadores (Asunción)



Colômbia



Caacupé (Paraguai)



El Salvador



Madrid



Moçambique



Costa Rica



Guatemala



Polícia canadense proibida de usar escudo de São Miguel

Baseando-se numa lei votada no ano de 2019, que estabelece Quebec como um estado laico, as autoridades do Serviço de Polícia da Cidade de Montreal ordenaram aos oficiais que retirem de suas fardas os escudos de São Miguel Arcanjo – o santo padroeiro da polícia canadense – com os dizeres “São Miguel, protegei-nos”, e qualquer outro símbolo religioso no período de trabalho.

Desde sua aprovação, essa lei vem sendo contestada por diversos líderes políticos e religiosos, que a consideram uma afronta à liberdade religiosa e um ato claramente discriminatório.



Reprodução

Beatificada mártir brasileira da castidade

Isabel Cristina Mrad Campos, brasileira mártir da castidade, foi elevada à honra dos altares no dia 10 de dezembro, tornando-se um modelo de pureza para a juventude de nossos dias. A cerimônia, presidida pelo Arcebispo Emérito de Aparecida, Cardinal Raymundo Damasceno Assis, ocorreu em Barbacena, Minas Gerais, e contou com a participação de mais de dez mil fiéis.

Isabel contava vinte anos e preparava-se para iniciar sua formação em Medicina na cidade mineira de Juiz de Fora, quando, no dia 1º de setembro de 1982, foi atacada por um homem que montava um guarda-roupa em seu apartamento. Após duro embate e vendo-se incapaz de vencer a resistência apresentada pela jovem, o agressor desferiu-lhe quinze facadas, que lhe causaram a morte. Isabel coroou dessa forma uma vida rica em piedade, oração e frequência aos Sacramentos.

Um milagre em meio aos bombardeios russos

Na véspera da grande festividade natalina na cidade de Kherson, Ucrânia, duas bombas lançadas pelas forças russas penetraram numa igreja católica de rito latino lotada de fiéis, e inexplicavelmente não explodiram. Segundo testemunhas, uma delas se partiu ao impactar no solo, e a outra ficou presa numa parede.

Mencionando o acontecido, Dom Stanislav Szyrokoriadiuk, OFM, Bispo de Odessa-Simferopol, comentou durante a homilia da Missa da Vigília do Natal, na catedral de Odessa: “Muitos casos milagrosos estão acontecendo. Deus manda. Uma pessoa atira, mas Deus controla as bombas. Se nós rezamos, se nós confiamos em Deus, Deus controla as bombas”.

Resumindo um ano de perseguições contra a Igreja

O ano de 2022 finda com um saldo de mais de cem sacerdotes e freiras sequestrados, detidos ou assassinados no mundo. As alarmantes cifras foram recolhidas pela Fundação Ajuda à Igreja que Sofre, e demonstram a premente necessidade de encontrar soluções concretas para garantir a segurança e a liberdade dos religiosos.

Entre os países com maior número de agressões encontram-se: Nigéria, Haiti, México, República Democrática do Congo, Mali, Camarões, Etió-

pia, Moçambique, Filipinas e Burkina Faso. Na China as comunidades clandestinas sofreram a perda de pelo menos dez sacerdotes detidos pelas autoridades locais, e na Ucrânia quatro sacerdotes foram presos enquanto desempenhavam suas funções pastorais nos territórios ocupados pela Rússia.

Outra situação preocupante é a que vivem atualmente os católicos na Nicarágua, onde ao menos onze clérigos permanecem detidos pelas autoridades, outros foram proibidos de sair de suas paróquias e uma dezena está impedida de retornar ao país.



Samuacn (CC by-sa 3.0)

Falece Mons. Jonas Abib, fundador da Canção Nova

No dia 12 de dezembro faleceu em Cachoeira Paulista, São Paulo, aos oitenta e cinco anos de idade, Mons. Jonas Abib, fundador da Canção Nova. Seu passamento aconteceu após longo tratamento quimioterápico de um mieloma múltiplo.

Nascido no dia 21 de dezembro de 1936, em Elias Fausto, São Paulo, ele ingressou no seminário salesiano aos doze anos, iniciando sua formação e vida sacerdotal sob o lema *Feito tudo para todos*. Em 1978, fundou a Comunidade Canção Nova, reconhecida pelo Vaticano em 2008. Ao longo de sua trajetória promoveu eventos e retiros para a juventude, iniciou a Rádio e TV Canção Nova e deixou uma florescente instituição, que atualmente possui mais de mil e trezentos membros no Brasil e no exterior. No ano de 2007 recebeu do Papa Bento XVI o título de monsenhor, em reconhecimento

aos relevantes serviços prestados à Igreja.

Reprodução



Profanações e atos vandálicos na Europa por ocasião do Natal

As celebrações do Natal foram ocasião de atos vandálicos contra a Igreja na Europa. Na capela do Hospital de Barbastro, Espanha, assaltantes abriram o sacrário e espalharam as Sagradas Formas pelo chão. A diocese manifestou sua “tristeza, consternação e condenação” pelo acontecido, enquanto as autoridades competentes procuram identificar os criminosos.

Já na França, a Igreja de São Roque, no centro de Paris, teve suas paredes manchadas com sinais satânicos, suásticas e inscrições absurdas. Na cidade de Lorient, a Igreja de Sainte-Anne d’Arvor foi alvo de um ataque em pleno dia: os agressores destroçaram diversas imagens, destruíram o presépio e espalharam as velas pelo chão. Outras igrejas sofreram atenta-

dos análogos em Rouen, Puy-de-Dôme, Bordeaux e Nice.

Mais dois milhões de católicos nos Estados Unidos

O Censo Religioso dos Estados Unidos – USRC, sigla em inglês –, um estudo realizado a cada dez anos pela Associação de Organismos Religiosos Americanos, revelou em sua última edição, sobre o decênio 2010-2020, que a Igreja Católica no país recebeu um acréscimo de dois milhões de fiéis graças às comunidades de migrantes hispano-americanos.

Com sessenta e um milhões de membros distribuídos em mais de dezenove mil circunscrições, hoje os católicos são cerca de 19% da população dos Estados Unidos, e a maior instituição religiosa do país.

Ministério Público recomenda a exclusão do Pai-Nosso em escola

Numa nova investida de agressivo laicismo, os alunos da Escola Municipal de Ensino Básico João Etchebehere, de Rifaina, São Paulo, não poderão mais iniciar o dia de estudos rezando o Pai-Nosso. Essa foi a surpreendente decisão do promotor de justiça Alex Facciolo Pires, acatando uma queixa apresentada por uma das professoras da instituição. “As instituições públicas devem adotar uma posição neutra no campo religioso, buscar a imparcialidade

nesses assuntos e não apoiar ou discriminar qualquer religião. O fato de nenhum pai ou mãe de aluno ter reclamado do posicionamento da escola é irrelevante”, declarou o promotor.

As demais instituições da rede municipal deverão também acatar a norma para a cessação de todas as atividades religiosas ou propagação de elementos ligados à Fé entre os alunos.



Reprodução

Maravilhosa recordação do Natal em Assis

Afrescos do pintor renascentista Giotto iluminaram a cidade de Assis durante o período natalino, rememorando os primeiros presépios da História elaborados pelo Poverello.

Na fachada de diversas igrejas da cidade foram projetados os afrescos com cenas da Anunciação e do nascimento do Menino Jesus, permitindo aos transeuntes penetrar de modo mais profundo nos mistérios do Natal através de mais de dez mil metros quadrados de pinturas.

GAUDIUM PRESS
A PRIMEIRA AGÊNCIA DE NOTÍCIAS CATÓLICAS DO BRASIL

Faça a sua assinatura gratuitamente em **GAUDIUMPRESS.ORG**

Acompanhe as principais notícias da Igreja Católica no Brasil, no mundo e no Vaticano

PARA RECEBER NOTÍCIAS EM SEU WHATSAPP REGISTRE NOSSO NÚMERO E ENVIENOS UMA MENSAGEM

+55 11 988051031



A ovelha, o porco e a lama

Gargalhadas estranhas a acordam. Curiosa, a ovelha se levanta para saber quem está conseguindo ser feliz sob aquele sol causticante.



↳ Lorena Mello da Veiga Lima

Verão inclemente! “Meu Deus, que calor!”: queixam-se os animais da fazenda. Os cavalos andam preguiçosos; os jumentos empacam por má vontade; as vacas não querem sair do curral; as galinhas cacarejam ranzinzas... Pelo menos não faltam água nem sombra. Todos sofrem, é verdade, mas conseguem mitigar o incômodo de alguma forma.

Uma jovem, porém, se aflige com o calor. Na sua idade, o pelo está no ponto ideal para ser cortado pela primeira vez! Mas Luzidia – eis como se chama – mais do que estar ansiosa pela tosquia, tem exauridas as suas forças.

— Papai! – bale a ovelhinha – Quando o pastor recolherá minha lã?

— Está quase, filha. Agente firme!

— Beé-eéh! Não dá mais!

— Minha querida, espere!

Eu e sua mãe cuidamos extremamente bem de você, a fim de deixar seu pelo impecável. O pastor está tão satisfeito...

Descontente com a resposta paterna – pois queria ser logo aliviada –, a ovelha se dirige para a lagoa a fim de matar a sede. Quando vai encostar o focinho, vê os peixes que nadam alegremente.

— Então? O sol está forte aí fora? – pergunta a carpa em tom de gracejo.

— Bastante...

O guaru entra na conversa:

— É, dá para perceber. A temperatura da água subiu, mas estamos bem. Difícil deve ser estar “agasalhada” perpetuamente como você, Luzidia. Não quer dar um pulinho aqui?

— Eu não sei nadar!

E se retira mal-humorada. Deita-se na entrada de uma gruta, observa o límpido céu e reflete: “Nem nuvem há para cobrir o astro rei. Até parece que a nuvem, branquinha e fofa, sou eu, e vim parar aqui embaixo! Ai, está tão quente! Vou esperar o pastor

nesta sombra. Quando ele quiser minha lã, que venha buscá-la!”

Sem muita energia, Luzidia acaba adormecendo. Depois de um tempo, gargalhadas vindas de não muito longe a despertam. “Quem está conseguindo ser feliz nesse calor?”, interroga-se. Ela se levanta e procura satisfazer a curiosidade.

A alguns metros de onde estava, os suínos brincam na lama; estão contentes, pois aquela matéria fétida e suja lhes proporciona frescor. Quando se aproxima, ela não consegue reprimir a repulsa.

— Ei, ovelhinha, que fisionomia é essa? Isso aqui é uma delícia! – grunhe um porco velho e gordo.

Outro se achega ao cercado. Ele é jovem como Luzidia. Fitando-a com olhar malévolo, mas procurando dissimular suas intenções, sugere:

— Oh, muito prazer! Eu me chamo Apattor. Qual é o seu nome?

— Sou Luzidia.

— Sabe, eu a conheço de longe. Quando eu era filhotinho, a via correndo e pulando pelos prados. Temos quase a mesma idade. Mas confesso que me compadeço de você.

— De mim?! Por quê?

— Porque estando ainda no verdor dos anos, está obrigada a sofrer este tremendo calor! A



Incomodada pelo calor do dia, Luzidia aproximou-se do cercado dos porcos e viu que eles se refrescavam, contentes, com a lama

juventude, Luzidia, é feita para a felicidade! Nós todos aqui sabemos aproveitar o prazer da vida, por isso nos refrescamos assim. Só desse modo é possível subsistir. Você não quer experimentar um pouco?

Assustada, e sentindo o cheiro que a lama havia deixado na pele do porco, a ovelha recua:

— Jamais! Em pouco tempo virá o pastor me tosquiar!

— Francamente! Veja como ele está demorando... E, depois, é só tomar banho e tudo fica resolvido. Garanto!

Luzidia se deixa ludibriar. Entra pelos vãos do cercado, cumprimenta os demais porcos e com seu novo “amigo” vai até a lama e... mergulha! “Ah, que refrigério”, pensa aquela cujo nome não pode mais significar *luz*.

Após uns momentos de conforto, percebe que é hora de voltar ao rebanho. Despede-se e a suinaria responde:

— Até mais! Volte sempre!

A meio caminho, porém, se dá conta do que fez. “Como poderei aparecer diante de meus pais e irmãos, imunda deste jeito?” E ponderando um pouco mais, conclui: “Não dá. Vou dormir esta noite naquela gruta”.

No dia seguinte, desastre: seu pelo está todo endurecido pela lama. “Ah, meu Deus! E agora? Preciso lavar-me urgentemente!” Dirige-se, então, ao lago do dia anterior.

— Ah, saia daqui! Está sujando nossa água! – protestam os peixes.

Luzidia tenta e tenta, mas o barro está terrivelmente grudado. Chorosa, ela decide ir à casa e sofrer a humilhação perante todos.

A família se entristece com seu estado deplorável.

— Meu bem – exclama a mãe –, o que aconteceu? Sua lã estava excelente! O que você fez?

Entre lágrimas confessa o ocorrido. Por causa de seu verdadeiro arrependimento, todos se compade-



Vendo a miséria em que caíra sua ovelha, o pastor não hesita em tomá-la nos braços

cem dela. Os pais levam-na para um banho prolongado e eficaz. Graças à dedicação dos progenitores, ela novamente se torna alvíssima!

Sem embargo... o sol continua inclemente. A ovelhinha recorda-se das “delícias” do lodo, mas de imediato as nefastas consequências sobem-lhe à lembrança. Trava-se uma luta em seu interior: ceder ou não? Paulatinamente, ela vai escorregando na tentação e uma ideia “genial” surge: cortar o pelo! Assim, conclui ela, não ficará imunda. Oh, na verdade, a lógica estava a léguas de distância de tal pensamento!

Esconde-se e vai se tosquindo com pouca habilidade e um resultado deplorável... Quando considera suficiente, corre até o charco e “plaft!”: lá se afunda.

— Parabéns! Você é das nossas! – aplaudem os porcos.

— Iih, Luzidia, acho que você terá que viver aqui conosco. Como regressar sem lã para o redil, hein? Hahaha!

Assim que tais palavras chegam-lhe aos ouvidos, o medo invade seu coração, abrindo espaço para um sincero arrependimento.

— Meu Deus! Que loucura! Olhe só o que fiz!

Foge de vergonha e receio de se aproximar dos familiares, sobretudo de decepcionar o pastor. Refugia-se naquela mesma gruta.

De noite a temperatura cai. Ela sente um frio terrível, nunca sofreu tanto: como pode se aquecer agora? Cada vez mais a tristeza lhe comprime o ânimo.

Ao despontar da manhã, uns passos a despertam. Abre os olhinhos sem se mover, e vê diante de si o pastor. Tomado de misericórdia, o dono constata sua miséria: suja, sem lã, gelada e com fome. A ovelhinha se retrai tímida e temerosa; ele, porém, sem pensar duas vezes a põe no colo e a abriga sob seu manto.

É o próprio pastor quem a limpa, veste-a com uma roupinha adequada e a alimenta. Graças ao carinho de seu protetor e à docilidade recobrada por Luzidia, uma nova pelagem cresce, toda branquinha, brilhante e macia. Nunca se viu lã mais preciosa do que aquela!

Ah! Quantas vezes manchamos a alvura da nossa alma com os prazeres fugazes que nos oferece a lama do pecado, depois dos quais só nos resta vazio, frustração e sujeira. Contudo, desde que estejamos dispostos a retomar o bom caminho, o Bom Pastor sempre saberá nos trazer de volta ao rebanho, a fim de que continuemos a produzir para sua glória a aconchegante lã das boas obras! ✧



Ilustrações: Giuliana D'Amaro

Se estivermos dispostos a retomar o caminho certo, o Bom Pastor sempre nos trará de volta ao seu rebanho!

OS SANTOS DE CADA DIA

1. Beato Luís Variara, presbítero (†1923). Missionário salesiano de origem italiana falecido em Cúcuta, Colômbia. Dedicou-se ao cuidado dos leprosos e fundou a Congregação das Filhas dos Sagrados Corações de Jesus e Maria.

2. Apresentação do Senhor.

Santa Maria Domingas Mantovani, virgem (†1934). Primeira superiora do Instituto das Irmãzinhas da Sagrada Família, fundado por ela juntamente com o Beato José Nascimbeni em Verona, Itália, para servir os pobres, órfãos e enfermos.

3. São Brás, Bispo e mártir (†c. 320 Sebaste - atual Turquia).

Santo Oscar, Bispo (†865 Bremen - Alemanha).

Santa Maria de Santo Inácio Thévenet, virgem (†1837). Fundou em Lyon, França, a Congregação das Irmãs de Jesus e Maria.

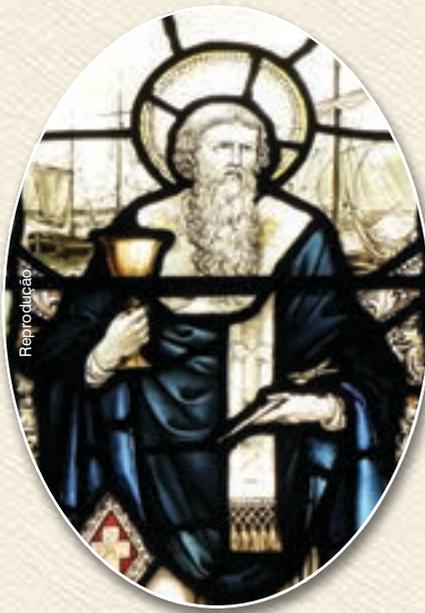
4. São João de Brito, mártir (†1693 Oriyur - Índia).

Santa Joana de Valois, rainha (†1505). Esposa do Rei Luís XII da França, consagrou-se ao serviço de Deus após ter sido declarado nulo seu casamento. Fundou em Bourges a Ordem da Santíssima Anunciação da Bem-Aventurada Virgem Maria.

5. V Domingo do Tempo Comum.

Santa Águeda, virgem e mártir (†c. 251 Catânia - Itália).

São Lucas de Lucânia, abade (†995). Levou vida monástica inicialmente na Sicília e, depois, em vários outros lugares, por causa das incursões dos sarracenos. Faleceu no Mosteiro dos Santos Elias e Anastásio, em Carbone.



São Policarpo de Esmirna - Catedral de Chester (Inglaterra)

6. São Paulo Miki e companheiros, mártires (†1597 Nagasaki - Japão).

Santo Amando de Elnon, Bispo (†c. 679). Após vários anos de vida eremítica, recebeu a sagração episcopal. Pregou missões na região de Flandres e ao longo do Danúbio.

7. Cinco chagas do Senhor. Devoção muito viva desde os começos da nacionalidade, evocada n'Os Lusíadas ao relacionar as armas da bandeira nacional com as chagas de Cristo. A comemoração foi concedida a Portugal no século XVIII, pelo Papa Bento XIV.

8. São Jerónimo Emiliani, presbítero (†1537 Somasca - Itália).

Santa Josefina Bakhita, virgem (†1947 Schio - Itália).

Santo Estêvão de Muret, abade (†1124). Fundador da Ordem de Grandmont, perto de Limoges, França. Com sua vida austera atraiu numerosos discípulos.

9. Santa Apolónia, virgem e mártir (†c. 250). Após padecer numerosos suplícios, foi queimada viva em Alexandria, Egito, por recusar-se a proferir blasfêmias.

10. Santa Escolástica, virgem (†c. 547 Monte Cassino - Itália).

São Guilherme de Malavalle, eremita (†1157). Falecido numa gruta perto de Grosseto, Itália, seu exemplo deu origem a muitas congregações de eremitas.

11. Nossa Senhora de Lourdes.

São Pascoal I, Papa (†824). Promoveu as primeiras missões nos países escandinavos e trasladou muitas relíquias dos mártires das catacumbas para as igrejas. Reconstruiu a Basílica de Santa Cecília, em Roma.

12. VI Domingo do Tempo Comum.

Beata Umbelina, priora (†1136). Convencida por seu irmão, São Bernardo de Claraval, a deixar os prazeres do mundo, ingressou com consentimento do marido no Mosteiro de Jully-les-Nonnains, perto de Troyes, França, do qual se tornou superiora.

13. São Benigno de Todí, presbítero e mártir (†séc. IV). Martirizado durante a última perseguição contra os cristãos, no tempo de Diocleciano e Maximiano.

14. São Cirilo, monge (†869 Roma), e **São Metódio**, Bispo (†885 Velehrad - República Checa).

São Vicente Vilar David, mártir (†1937). Renomado engenheiro de Manises, Espanha, morto durante a Guerra Civil por auxiliar os religiosos e não renegar a Fé.

15. Santo Onésimo. São Paulo o acolheu como escravo fugitivo e

na prisão o gerou como filho na Fé em Cristo, como ele mesmo escreveu a seu amo Filémon.

16. Santa Juliana de Nicomédia, virgem e mártir (†séc. inc.). Era a única cristã de sua família. Aos dezoito anos, tendo se recusado a casar com um pagão, foi presa e decapitada.

17. Sete Santos Fundadores dos Servitas (†c. 1262-1310 Monte Senário, perto de Florença - Itália).

São Mesróbio, monge (†c. 440). Evangelizador dos armênios e discípulo de São Narsés, criou um alfabeto para ensinar ao povo a Sagrada Escritura, traduziu o Antigo e o Novo Testamento, e compôs hinos e cânticos em língua armênia.

18. São Teotónio, presbítero (†1162). Fez por duas vezes a peregrinação a Jerusalém e, recusando a custódia do Santo Sepulcro, regressou à pátria, onde fundou, com outros onze religiosos, a Congregação dos Cónegos Regrantes da Santa Cruz, em Coimbra.

19. VII Domingo do Tempo Comum.

Beato José Zaplata, religioso e mártir (†1945). Membro da Congregação do Sagrado Coração de Jesus, deportado da Polónia para o campo de concentração de Dachau, Alemanha, onde morreu cuidando heroicamente de prisioneiros atingidos por uma epidemia mortal.

20. Santo Euquério de Orléans, Bispo (†c. 738). Desterrado de Orléans por Carlos Martel, após ser caluniado por invejosos, encontrou refúgio no mosteiro de Saint-Trond, Bélgica, onde passou o resto de sua vida em oração e contemplação.

21. São Pedro Damião, Bispo e Doutor da Igreja (†1072 Faenza - Itália).

São Roberto Southwell, presbítero e mártir (†1595). Sacerdote da Companhia de Jesus que por muitos anos exerceu secretamente seu ministério em Londres e regiões limítrofes. Encarcerado por esse motivo, foi cruelmente torturado e executado em Tyburn, Londres, por ordem da Rainha Isabel I.

22. Quarta-Feira de Cinzas.

Cátedra de São Pedro, Apóstolo.

Beata Maria de Jesus d'Oultremont, viúva (†1879). Dama da sociedade belga que, após o falecimento de seu esposo e sem descurar a educação dos seus quatro filhos, fundou em Estrasburgo o Instituto das Irmãs de Maria Reparadora.

23. São Policarpo, Bispo e mártir (†c. 155 Esmirna - atual Turquia).



**Santa Joana de Valois -
Basílica de Notre-Dame du Roncier,
Josselin (França)**

São João, monge (†c. 1127).

Sua mãe foi feita escrava pelos sarracenos e levada para Palermo, Itália, pouco antes de seu nascimento. Ela o instruiu na Fé cristã e, quando o filho completou quatorze anos, enviou-o à cidade de seus antepassados. Fortemente atraído pelo heroísmo da vida dos monges basilianos daquela região, uniu-se a eles e destacou-se por suas virtudes e espírito contemplativo.

24. Beata Ascensão do Coração de Jesus, virgem (†1940). Cofundadora da Congregação das Missionárias Dominicanas do Santíssimo Rosário, em Lima.

25. São Gerlando, Bispo (†1100). Reorganizou a Igreja na Sicília, Itália, após ser libertada do poder dos sarracenos.

26. I Domingo da Quaresma.

São Vítor, eremita (†séc. VII). Louvado nos sermões de São Bernardo, morreu em Arcis-sur-Aube, França, onde viveu em contínua união com Deus, pela oração e contemplação.

27. São Gregório de Narek, monge e Doutor da Igreja (†c. 1005 Narek - Arménia).

Santa Ana Line, mártir (†1601). Seus pais, calvinistas ingleses, expulsaram-na de casa quando ela abraçou a Fé Católica. Tornou-se guardiã da residência dos missionários da Inglaterra. Denunciada aos tribunais, foi condenada e enforcada.

28. Santo Hilário, Papa (†468). Escreveu cartas sobre a Fé Católica, por meio das quais confirmou os Concílios de Niceia, Éfeso e Calcedónia, enaltecendo o primado da Sé Romana.

Vox prophetica

Erguendo-se altaneiro junto às igrejas, o campanário recorda os profetas que fazem soar em todos os tempos a voz de Deus.



✠ Ir. Maria Teresa Ribeiro Matos, EP

Subindo e descendo montanhas, bordeando rios ou atravessando vales, percorrendo estradas de terra ou asfaltadas, muitas vezes o viajante depara-se com certo panorama: ao longe vislumbra uma torre. Aproximando-se mais, distingue sobre ela uma cruz. Não se veem ainda os vitrais, não se ouve o som do órgão nem se percebem as piedosas imagens; no entanto, não há margens a dúvida: é uma igreja com seu campanário.

Junto ao templo e erguendo-se acima dele, os campanários desafiam os tempos e as distâncias, dando um rumo à vida cristã e indicando a todos a presença de Deus.

Altaneiros, esguios e imponentes, eles manifestam a grandeza do lugar sagrado e dominam num misto de charme e pujança próprios do que se eleva em busca do céu.

Verdadeiras obras de arquitetura, com formas e tamanhos variados, desde o século VII os cristãos começaram a levantar torres junto às igrejas. O costume se consolidou na centúria seguinte e, a partir do século XI, elas passaram a ser parte integrante, seja das grandes catedrais

e dos mosteiros, seja de pequenas capelas. Não há quem não as tenha admirado, mas poucos talvez tenham se perguntado qual seria sua utilidade, limitando-se a maioria em pensar que são indispensáveis por mera razão estética.

À maneira dos torreões das construções medievais e mesmo pré-medievais, o campanário é símbolo de fortaleza e vigilância; do alto, abarca tudo a seu redor e perscruta longínquos horizontes. Seria um *donjon* não militar, mas religioso, do Senhor de toda a terra.

Sua finalidade prática, porém, é fazer ouvir os sinos, que desde muito cedo se associaram ao culto litúrgico. Vindo da palavra latina *signum*, o sino constituía, de fato, um sinal para o povo católico. Por isso deveria estar elevado, para ser escutado por todos e guiar de cima do campanário a vida dos fiéis.

Quantos não deixavam suas casas, seus campos e seus afazeres ao perceber que soava a hora da Santa Missa? Quantos clérigos, pelas badaladas do bronze, não deixavam suas celas ou seus labores para se dirigirem ao cântico dos ofícios litúrgicos?

Todos sabiam interpretar bem sua voz, fosse ao engrandecer uma solenidade, fosse ao rogar por um defunto; ora anunciando uma tempestade ou flagelo da natureza, ora soando o alarme para as guerras. Um antigo díptico latino descreve a voz de comando que partia do campanário:

*Convoco, signo, noto, compello, concino, ploro, / arma, dies, horas, fulgura, festa, rogos.*¹

Assim, acompanhando a vida da igreja e a guiando, o campanário pode representar, num simbolismo superior, os profetas e varões providenciais que Deus constitui como sinal e envia como emissários de suas vontades em todas as épocas e lugares.

Elevando-se da terra aos Céus, eles se fazem ouvir por todos lembrando a primazia do louvor divino, anunciando castigos e intervenções celestes, e guiando o povo rumo a Deus. Os profetas, sobretudo, marcam na História as horas do Onipotente. ✠

¹ Do latim: Eu convoco as armas, assinalo os dias, conheço as horas, pressinto os relâmpagos, canto as festas, choro as súplicas.



Reprodução

Igreja de Santa Bárbara -
La Valle (Itália)



Francisco Lecaros

O prêmio da fidelidade

Quando Maria e José chegaram ao Templo, depararam-se com o sacerdote Simeão que, “impelido pelo Espírito Santo”, para lá havia se dirigido.

Nossa Senhora entregou-lhe seu Filho, o qual deu mostras de muitíssima simpatia por ele. Era indescritível a alegria do venerável ancião por trazer nos braços o próprio Deus. O Menino Jesus teve para com ele gestos de enorme afetividade; olhando-o, sorriu-lhe e

acariciou com as mãozinhas sua barba, deixando-o comovidíssimo.

A fidelidade de Simeão atingira seu extremo e, por isso, foi premiada com superabundante consolação. A confiança foi a arma que lhe obteve a vitória contra todas as aparências de fracasso, e levou-o a encontrar a Sagrada Família no píncaro de sua provação.

Mons. João Scognamiglio Clá Dias, EP